

RAQUEL SANTI

**ESTUDO SOBRE O CONTEÚDO DO SUPLEMENTO REVISTA
DE VERÃO E OS PROBLEMAS SÓCIO-AMBIENTAIS EM FLORIANÓPOLIS**

Porto Alegre, julho de 2005

RAQUEL SANTI

**ESTUDO SOBRE O CONTEÚDO DO SUPLEMENTO REVISTA
DE VERÃO E OS PROBLEMAS SÓCIO-AMBIENTAIS EM FLORIANÓPOLIS**

*Este trabalho foi realizado para conclusão do curso
de Comunicação Social, habilitação
em Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
com a orientação da Professora Ilza M. Tourinho Girardi.*

Porto Alegre, julho de 2005

RAQUEL SANTI

**ESTUDO SOBRE O CONTEÚDO DO SUPLEMENTO REVISTA DE VERÃO E OS
PROBLEMAS SÓCIO-AMBIENTAIS EM FLORIANÓPOLIS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Comunicação Social,
com habilitação em Jornalismo.

Data de aprovação: 13 de julho de 2005.

Conceito: _____

Prof^a. Ilza M. Tourinho Girardi: _____

Orientadora

Prof. Mário E. Vilas Boas Rocha: _____

Professor da UFRGS

Patrícia Kolling: _____

Jornalista

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo apoio dado, mesmo de longe, nestes quatro anos de faculdade. O mesmo vale às minhas irmãs que puderam me ajudar em diversas ocasiões. Em especial, à Margarida, que foi quem me inspirou a seguir o caminho do Jornalismo e que me deu muitos empurrões para seguir adiante.

Agradeço também ao Rafael por toda paciência e disponibilidade em me ajudar a “colher” todo material para a realização deste trabalho.

Não poderia esquecer de agradecer à Professora Ilza M. Tourinho Girardi que me orientou nesta monografia. Graças a ela pude aprender muitas novidades sobre questões ambientais e qualidade de vida, além de solidariedade e compromisso com o próximo.

Por fim, gostaria também de deixar um abraço especial a outros professores que me acompanharam ao longo do curso e que puderam mostrar-me valores, sendo verdadeiros mestres: Sandra de Deus, Kléber Ferreira, Mário Rocha e Wladimir Ungaretti.

*Dedico este trabalho a todos os Ecojornalistas
que se esforçam para manter o mundo vivo.*

*Porque toda a natureza, tanto de bestas feras,
como de aves,
tanto de répteis como de animais do mar,
se amansa
e foi domada pela natureza humana.
(Tiago, cap. 3. Vers.7)*

RESUMO

Este trabalho estuda as manifestações e os argumentos utilizados nas matérias referentes a Florianópolis publicadas no suplemento Revista de Verão (encarte do dos jornais Diário Catarinense e Zero Hora que circulou no litoral de Santa Catarina, entre dezembro de 2004 e março de 2005), num total de 12 exemplares. Demonstra que a forma como a cidade foi exposta no suplemento revela ausência de preocupação com os problemas sócio-ambientais que a cidade sofre com a chegada de turistas a cada verão. Pode-se perceber que o suplemento apenas tem a intenção de atrair novos turistas, não havendo compromisso com as consequências e transtornos que isso pode causar.

Palavras-chave: Mídia e turismo. Florianópolis. Problemas sócio-ambientais.

ABSTRACT

This paper analyzes the arguments found in a series of publications called "Revista de Verão", a subset of Diário Catarinense and Zero Hora, Brazilian newspapers, concerning Florianópolis city (south of Brazil) between December/2004 through March/2005. The objective of this work was to demonstrate the way of Florianópolis was exposed by these publications, showing an absence of concern related to the environmental and social problems that hit Florianópolis in every summer with the tourists' arrival. It was possible to conclude that the only intention of these publications was to attract new tourists, disregarding the problems and consequences that this may cause to the city.

Keywords: Media and tourism. Florianópolis. Environmental and social problems.

SUMÁRIO:

<u>1 INTRODUÇÃO:</u>	10
<u>2 REFERENCIAIS TEÓRICOS</u>	14
<u>2.1 As cidades</u>	14
<u>2.2 Qualidade de vida</u>	18
<u>2.3 O Turismo</u>	19
<u>2.4 A mídia</u>	26
<u>3 METODOLOGIA</u>	32
<u>4 O QUE ENCONTRAMOS NAS PÁGINAS DO REVISTA DE VERÃO</u>	35
<u>4.1 Praias e Lagoa</u>	36
<u>4.2 Turismo</u>	41
<u>4.3 Meio Ambiente</u>	46
<u>4.4 Publicidade</u>	48
<u>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	52
<u>REFERÊNCIAS</u>	56
<u>ANEXOS</u>	58

LISTA DE IUSTRAÇÕES

Figura 1: casa no morro	16
Figura 2: lixo na praia	16
Figura 3: engarrafamento I	17
Figura 4: engarrafamento II	17
Figura 5: gaúchos I	22
Figura 6: gaúchos II	22
Figura 7: argentinos	23
Figura 8: praia	25
Figura 9: reveillon	25
Figura 10: camping	25

1 INTRODUÇÃO:

Este trabalho consiste numa contribuição ao estudo da relação entre mídia e turismo, aplicada à cidade de Florianópolis (SC). Será feita uma análise do conteúdo do suplemento Revista de Verão, encartado dentro do jornal Diário Catarinense e Zero Hora (nos 12 exemplares que circularam no litoral de SC), no período de 17 de dezembro de 2004 a 4 de março de 2005, às sextas-feiras, mostrando quais os principais aspectos abordados em suas matérias sobre a cidade, em contraposição à realidade vivida pelos habitantes da Ilha, ou seja, os problemas ocasionados pela grande massa de turistas que se desloca para lá.

Florianópolis tem uma área de 436,5 quilômetros quadrados, divididos entre Ilha e Continente, 73 praças, 15 parques públicos e 6 largos. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população era de 369.102 habitantes em 2003.

A cidade cresce hoje a olhos vistos. De acordo com o IBGE, a taxa de fecundidade é de 2,65 filhos por mulher. Entre 1991 e 2000, a população da região metropolitana de Florianópolis saltou de 530 mil para 709 mil habitantes, uma taxa de crescimento de 3,3% ao ano. Porém, a explicação para esse crescimento não é só pela natalidade, e sim, pela chegada de imigrantes de outras regiões de Santa Catarina e do Brasil.

Segundo dados da Santur (Santa Catarina Turismo S/A - Órgão Oficial de Turismo do Estado de Santa Catarina), no verão 2003/2004, Florianópolis recebeu 581.442 turistas (492.114 nacionais e 89.328 estrangeiros) e a receita gerada foi de aproximadamente U\$ 113 milhões. Já no verão 2004/2005, **574.098** turistas visitaram a cidade, sendo 453.516 nacionais e 120.582 estrangeiros, gerando renda de aproximadamente U\$ 170 milhões.

Nos meios de comunicação, a cidade é apresentada como um paraíso – a capital brasileira que oferece melhores condições de vida. Isso atrai uma série de problemas para a cidade, tais como: crescimento desordenado, engarrafamentos, poluição, falta de água, violência, entre outros.

A população que vive na cidade, o nativo da Ilha, acaba sofrendo estas conseqüências, pois hoje, o número de turistas que a cidade recebe é quase o dobro do número de habitantes. Desta forma, evidentemente, os problemas já citados começam a aparecer, visto que a cidade é apenas uma ilha e não tem condições e/ou estrutura para abrigar tanta gente.

Em função da percepção de tais problemas, resolvi escolher este tema e dedicar-me a este estudo, mostrando que a mídia (entenda-se, neste caso, o Revista de Verão) mostra uma imagem paradisíaca da cidade e acaba ocultando fatos ruins que a população vem enfrentando.

Morei muitos anos em Florianópolis. Hoje, estudando em Porto Alegre e vendo a situação por outro ângulo, posso ver o quanto a cidade cresce e quanto esse crescimento “empurra” o nativo para fora dela, tanto no espaço geográfico, quanto em suas culturas e tradições.

Tentando explicar os motivos pelos quais isso acontece, busquei analisar quais os argumentos que o Revista de Verão, usa para mostrar a cidade. Baseado nisso, formula-se a pergunta que irá nortear o trabalho: Como a mídia de turismo, neste caso, o Revista de Verão, aborda os problemas sócio-ambientais de Florianópolis?

Os objetivos deste trabalho são: verificar como o Revista de Verão mostra a cidade de Florianópolis para os turistas que o lêem; identificar os argumentos empregados pelo suplemento para descrever a cidade e avaliar o tratamento dado aos problemas sócio-ambientais de Florianópolis.

Em meu estudo, pude constatar que muito poucos problemas são abordados na mídia. A maioria deles está apenas refletido na mídia local, ou seja, não chega ao ouvido dos turistas. Pude perceber que no suplemento Revista de Verão não há praticamente nenhuma matéria falando de problemas da cidade, e sim, apenas praias, belezas e festas. Acabei percebendo uma contradição imensa, pois nas outras editorias dos mesmos exemplares, aparecem matérias falando de violência, poluição, habitações irregulares, etc.

Na tentativa de demonstrar que o turismo acaba gerando uma série de problemas à cidade, busquei em outras mídias, como o próprio Diário Catarinense e jornais do Rio Grande do Sul, reportagens que demonstrem um pouco mais o que é omitido para a grande massa de turistas. Além disso, fiz algumas fotografias que mostram situações ruins durante o último verão, que serão mostradas ao longo do trabalho.

Busquei, também, para a realização deste trabalho, alguns dados sobre a cidade junto a órgãos municipais, como Secretaria Municipal de Turismo de Florianópolis e Santur.

Considero este estudo importante porque eu não tenho conhecimento de outro trabalho que tenha sido realizado sobre este tema. Na minha opinião, ele servirá para alertar um pouco a quem lê, que a capital catarinense, tida como um paraíso, está enfrentado problemas e pode acabar tornando-se igual a outras capitais brasileiras, que não possuem a qualidade de vida que Florianópolis tem - e que está perdendo.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Com os meios de comunicação instantânea (satélite, TV, cabos de fibra ótica, telemática...), a *chegada suplanta a partida*: tudo “chega”, sem que seja preciso partir. (VIRILIO, 1993, p.11)

Para a realização deste trabalho busquei livros e artigos, porém, a bibliografia sobre o tema que escolhi é escassa. Procurei entender melhor qual a relação existente entre o turismo e a mídia. Atualmente, as cidades – em especial as mais bonitas e com mais atrativos – são consideradas produtos turísticos, que buscam sempre atrair mais novos turistas e novos moradores para o fortalecimento da economia.

2.1 As cidades

Não tenho dúvidas que Florianópolis hoje se mantém em boa parte com o turismo e também com os investimentos que novos moradores trouxeram. Porém, é questionável todo esse processo: o que se ganhou e o que se perdeu com tudo isso?

Ao mesmo tempo em que a economia é fortalecida, pessoas de outros lugares deslocam-se para lá. Muitas vezes com dinheiro. Atrás do dinheiro, vêm os bandidos, já saturados em outras capitais do país. Além disso, para a construção de mais casas e prédios para abrigar essa nova população, são destruídas as matas,

há construções irregulares, o esgoto passa a ser lançado clandestinamente nos córregos, lagoa e mar (ver anexos 1, 2 e 3). Essa situação é bem colocada por Henrique Leff:

Nada mais insustentável que o fato urbano. A cidade converteu-se, pelo capital, em lugar onde se aglomera a produção, se congestiona o consumo, se amontoa a população e se degrada energia. Os processos urbanos se alimentam da superexploração dos recursos naturais, da desestruturação do entorno ecológico, do dessecamento dos lençóis freáticos, da sucção dos recursos hídricos, da saturação do ar e da acumulação de lixo. (LEFF, 1998, p. 287)

Ainda sobre tal questão, o autor faz a seguinte crítica:

A urbanização que acompanhou a acumulação de capital e a globalização da economia converteu-se na expressão mais clara do contra-senso da ideologia do progresso. Do fato urbano como gerador de necessidades (estilos de vida urbana) passou-se a um processo acumulador de irracionalidades (tráfego, violência, insegurança). O processo de urbanização, concebido como via inelutável do desenvolvimento humano, é questionado pela crise ambiental que discute a natureza do fenômeno urbano, seu significado, suas funções e suas condições de sustentabilidade. (LEFF, 1998, p. 288)

Segundo o autor, a cidade é um lugar de concentração da produção industrial e de descarga do consumo doméstico; de contaminação pelas funções de transporte e externalização de custos ecológicos para seu entorno rural para abastecer necessidades crescentes de água, alimento e energia. Neste sentido, segundo ele, a urbanização acarreta um conjunto de processos de transformação tecnológica e de consumo, que o faz concluir que, como tal, o processo de urbanização é insustentável.



Figura 1: casa no morro

A foto ao lado mostra uma mansão construída em meio à mata, em um morro, entre o centro e a Lagoa da Conceição.

São tantas pessoas chegando à cidade, que a infra-estrutura não é suficiente para atender a todos. A falta de saneamento gera poluição da água e solo. Um exemplo pode ser constatado pela balneabilidade da Lagoa da Conceição, que está absolutamente poluída (ver anexos 1 e 6).

Esta imagem mostra o lixo que pessoas largaram nas proximidades da praia de Canasvieiras.



Figura 2: lixo na praia

Nos últimos 30 anos, houve uma explosão demográfica nas cidades brasileiras. A população urbana aumentou de 52 milhões em 1970 para 137 milhões em 2000. Segundo Roberto Villar Belmonte (2004) o resultado dessa concentração humana

descontrolada são engarrafamentos sufocantes, um coquetel de poluentes pairando no ar, rios contaminados, comunidades inteiras sem local adequado para o destino final do lixo, a violência, o estresse e a baixa qualidade de vida. Afirma ele:

A urbanização desordenada tem provocado a impermeabilização dos solos e a conseqüente redução da infiltração da água das chuvas. As cidades tornaram-se cada vez mais gigantescas panelas onde as enchentes e alagamentos viram rotina. As margens dos rios estão mais e mais ocupadas, destruindo a mata ciliar, que tem a função de segurar a água da chuva. Some-se a isso a destruição das áreas verdes, criando enormes estufas urbanas. (BELMONTE, 2004, P. 28)

As palavras do autor mostram um pouco da realidade de nossas cidades, hoje tomadas pelo concreto e construções. Florianópolis não difere de outras grandes cidades do mundo. As imagens abaixo mostram o engarrafamento que acontece nos finais de tarde de verão na Praia Mole.



Figura 3: engarrafamento I



Figura 4: engarrafamento II

2.2 Qualidade de vida

Mas o que é qualidade de vida? Gino Giacomini Filho (1996), no livro *Comunicação e Meio Ambiente* define o termo como “algo que agregue todos os fatores que condicionam o bem estar dos indivíduos e da sociedade como um todo. São fatores fundamentais: saúde, educação, espaço urbano e meio ambiente.”

O autor explica estes itens:

A saúde porque condiciona a sobrevivência biológica e psicológica, ou seja, um país que tenha problemas nessa área não poderá oferecer qualidade de vida aos cidadãos. A educação porque condiciona a formação intelectual e comportamental da atual e futuras gerações. O espaço urbano na medida em que a convivência social nos centros urbanos traz à tona conflitos humanos, agressões ambientais e psicológicas e, em muitos casos, distorções sociais graves. O meio ambiente porque o equilíbrio ecológico é condicionante para a preservação das espécies e para o desenvolvimento sustentado da sociedade. (FILHO, 1996, p. 41)

Outra definição de qualidade de vida é dada por Sandra Castellano de Paula (1996), também no livro *Comunicação e Meio Ambiente*: “Cheguei a conclusão que qualidade é algo melhor... [...] VIDA – no meu entender -, é SER! Então, se qualidade é melhor e vida é ser... qualidade de vida é SER MELHOR.”

No texto de Roberto Vilar Belmonte, aparece a seguinte citação escrita por Victor Civita, na revista Realidade:

Os milhões de brasileiros que sofrem diariamente com os grandes congestionamentos, o aumento da criminalidade, a

falta de áreas verdes, a poluição do ar e da água, a escassez de habitações e de transportes, concordarão com o seguinte diagnóstico: nossas cidades estão doentes.

Mesmo escrito em 1972, este trecho da reportagem de Victor Civita é extremamente atual. Pode-se perceber que, se na década de 70 as pessoas já vivenciavam uma realidade como esta, o que se pode dizer de hoje?

Ainda, segundo Belmonte, “a falta de planejamento urbano afasta cada vez mais o ser humano da natureza, piorando cada vez mais a qualidade de vida nas metrópoles.” Reflete também: “quanto mais carros, poluição e concreto, e menos ambientes saudáveis nas cidades, pior o humor das pessoas.”

Estas palavras nos fazem analisar se é possível ou não termos vivermos bem no meio de uma cidade grande. O pensamento do autor nos faz perceber o quanto estamos tomados pelo stress da vida cotidiana e nem percebemos. Uma das características mais exploradas de Florianópolis é a qualidade de vida. Porém, com tamanha exploração do turismo, a tão mencionada *qualidade de vida* pode acabar.

2.3 O Turismo¹

¹ Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), por Turismo entende-se o conjunto de atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e paradas em diferentes lugares, que não

Hoje, as cidades atraem turistas todos os dias. Como para morrer, basta estar vivo, qualquer lugar basta existir para que alguém ponha seus pés nele. Porém, para Antônio Carlos Castrogiovanni (1999), são fundamentais as seguintes características para o bom turismo:

1. A facilidade de fluxo das pessoas e dos veículos: devem ser observados os equipamentos turísticos e a facilidade ou não do movimento entre os mesmos e outros pontos de interesse;
2. Agradabilidade estética: é a impressão estética causada por *usos* (o uso residencial e o comercial, as áreas verdes, as áreas industriais, etc. Devem ser avaliados como são usados pelos diferentes *segmentos* os diferentes espaços urbanos); *ambientes* (determinados conjuntos do caminho que se destacam por causar uma impressão agradável. Pode ser um conjunto de prédios, o desenho das calçadas, a disposição de uma grande árvore, a arborização das margens de um riacho, etc.).
3. A paisagem construída e os caminhos: são as impressões, os sentimentos que a paisagem sugere a partir da visão arquitetônica, da sua apresentação.
4. Os serviços urbanos: arborização, água, esgoto, pavimentação, iluminação, limpeza pública, transporte público ou privado, águas correntes, etc.

o seu habitual, por um tempo consecutivo inferior a um ano, com a finalidade de lazer, negócio e outros motivos, sem fins lucrativos.

5. Os equipamentos de apoio ao Turismo: restaurantes, bares, teatros, centros de informação, hotéis, bancos, parques, praças, comunicações, postos de gasolina, borracharias, farmácias, lojas de *souvenirs*, centros de artesanato, etc.
6. O *mobiliário* urbano: placas de sinalização, mapas de orientação urbana, bancos da praça, paradas de ônibus, postes para iluminação pública, floreiras, lixeiras, quiosques, corredores verdes, limpeza do meio-fio, brinquedos na praça, etc.

Todos os itens acima expostos são fundamentais para que uma cidade seja um produto turístico ideal. No caso de Florianópolis não há como negar a vastidão de belezas naturais, porém, a degradação ambiental que o turismo acaba implicando é um problema muito sério que deve começar a ser pensado (ver anexo 3). Durante o verão, é possível perceber-se que os freqüentadores das praias são em sua grande maioria turistas. Os engarrafamentos na volta para casa são tão grandes que quem mora na cidade prefere não ir à praia, para não ter que passar algumas horas numa fila de carros. Outra característica que pode ser observada é o transporte público da cidade. Quem mora num bairro próximo ao centro, como por exemplo, Coqueiros, e pretende chegar a Canasvieiras, atualmente precisa pegar três ônibus, ou seja, perde-se muito tempo com esse tipo de traslado. Mas isso não é só por causa da exploração do turismo. O transporte coletivo da cidade sempre foi complicado. Faltam políticas públicas, tanto para melhorar a estrutura, como para a conscientização.

Em 1997, pesquisas realizadas pela Organização Mundial de Turismo demonstravam que são maiores as exigências dos turistas em relação ao meio

ambiente, que esperam que esteja limpo e protegido, condicionando o comportamento das autoridades locais em relação ao tema.

Florianópolis é uma capital. Como tal, possui comércio, shopping, opções de lazer, hotéis, pousadas, além de belas paisagens. Pode-se dizer que é um lugar com grandes atrativos aos turistas, porém, o que se questiona neste trabalho são os problemas que a atividade turística traz à cidade.

Os argentinos (uruguaios e paraguaios) chegam em grande número. É habitual, hoje, donos de lojas, restaurantes e hotéis contratarem funcionários que falem espanhol, para poder atender melhor os estrangeiros. As fotos abaixo mostram a exploração do turismo em Canasvieiras. Gaúchos e argentinos estão sempre presentes nos ambientes de Florianópolis, não só como turistas, mas às vezes na forma de invasão cultural.



Figura 5: gaúchos I



Figura 6: gaúchos II



Figura 7: argentinos

Abdon Barreto Filho (1999) afirma que, além da adaptação, é necessária uma conscientização turística para os espaços urbanos:

As autoridades, os políticos, os empresários e a população devem ter consciência sobre a importância da atividade turística como geradora de emprego e renda e, por consequência, da melhoria de uma qualidade de vida de uma determinada região. Convém salientar que, na busca de melhorar a condições para recepcionar os turistas, os investimentos estruturais como saneamento, tratamento d'água, energia elétrica, estradas, aeroportos, portos, terminais turísticos, meios de comunicação, entre outros, ficam no espaço após a saída do visitante. (FILHO, 1999, p. 75)

O que se pode perceber que vem ocorrendo em Florianópolis é o exagero de turistas, enquanto não há estrutura para recebê-los. Um exemplo clássico disso, são as imensas filas de carros na volta das praias. Outro é a falta de água, pois a rede de abastecimento não consegue suprir as necessidades (ver anexos 1, 2 e 3).

Abdon Barreto Filho (1999) destaca ainda a importância da defesa do meio ambiente para poder haver um turismo saudável e harmônico:

É óbvio que o *marketing* turístico deve conhecer e respeitar o meio ambiente para que possa atrair e manter turistas satisfeitos. O equilíbrio entre a especulação imobiliária, a falta de um Plano Diretor Turístico, o desconhecimento de suas riquezas geográficas, ou mesmo a falta da conscientização turística da população, entre outros, geram problemas imensos para quem trabalha na elaboração de roteiros turísticos. Nos espaços urbanos, o turismo está comprometido pela poluição do ar e pela ausência de uma política de preservação ambiental. Os animais e vegetais devem ser preservados em harmonia com os seres humanos [...]. (FILHO, 1999, p. 75)

Esta harmonização é algo muito subjetivo e depende da consciência e da educação de cada um. É uma questão de entender melhor a relação que existe entre o ser humano e o meio que vive. Talvez falte um pouco de percepção aos turistas que vão não só a Florianópolis, mas também, a outras cidades.

A criação da imagem é resultante de um processo interativo entre o observador e o observado. O observador transforma a paisagem visual e a paisagem é transformada pelo observador, ou seja, há uma interação. O que ele vê está baseado na forma, mas o modo como ele percebe, lê e organiza tal leitura afeta, com certeza, aquilo que ele observa. O interativo é fruto do processo histórico do observador e do observado. (CASTROGIOVANNI, 1999, p. 27)

Jacques Wainberg (1999) afirma que, “embora as imagens sejam construídas individualmente, há uma imagem pública – *trade mark* – destes destinos urbanos. Elas são relativamente consagradas e por isso mesmo embaladas como produtos de consumo.”



Figura 8: praia

A partir destas imagens, pode-se ver como alguns ambientes da cidade ficam ocupados por turistas.

Ao lado, a praia de Canasvieiras, conhecida por receber grande número de visitantes de outros países da América Latina. Abaixo, a passagem do ano comemorada por turistas e moradores e um camping que estava lotado na localidade do Rio Vermelho.



Figura 9: reveillon



Figura 10: camping

Grande parte da imagem que é construída em cada indivíduo deve-se à mídia. No ano passado (2004), a Rede Globo, estreou uma novela cujo cenário foi Florianópolis. Em “*Como uma onda*”, há um vilarejo de pescadores que decidem

investir no turismo para fortalecer o comércio local e a venda de peixes. Porém, como em qualquer trama – e até mesmo na vida real – começa a especulação imobiliária no local. Desta forma, os pescadores passam a sofrer as conseqüências, como pressão por parte de construtoras e perda de suas tradições. O que mais choca na novela é a capacidade de seus autores em descrever “os manezinhos” como pescadores burros e ignorantes. Porém, falar da trama não faz parte da discussão deste trabalho.

2.4 A mídia

Jornais e revistas também ajudam a construir a imagem da Ilha para as pessoas. Cada um da forma que lhe convém.

[...] condutores e intérpretes para os consumidores passivos de cultura, preferem ter estes produtos entregues em casa, através da mídia. A mídia também desempenha um importante papel em incentivar o consumo turístico. Reportagens de exposições e performances em outros países agora aparecem regularmente nos jornais e publicações especializadas, e as atrações culturais são predominantes nos programas de televisão sobre viagens. (ANDRIOTTI, 1999, p. 42)

Aí que entra a mídia. Cada jornalista é responsável pelo que diz, afinal, a imprensa é a grande formadora de opiniões do povo.

Durante esta pesquisa, pude perceber diferentes facetas de um mesmo jornal. O Revista de Verão, encarte do Diário Catarinense, mostrou belíssimas imagens do litoral de Santa Catarina. Por outro lado, nas páginas policiais e de Geral das mesmas edições mostrava-se notícias contraditórias às do encarte. Violência, trânsito e poluição foram as que mais apareceram (ver anexo 1). Porém, os dois deixaram a desejar: o encarte não alertou praticamente nada a respeito de problemas que a cidade está sofrendo e o jornal poderia ter dado maior cobertura a tais problemas.

Hoje em dia, pode-se afirmar que a mídia não dá muito destaque a questões ambientais. Tal questão não se aplica somente ao caso de Florianópolis, e sim, no Brasil e no mundo. O jornalista André Trigueiro² (2003) relata:

Na Era da Informação, na Idade Mídia, onde os profissionais da comunicação pertencem ao que se convencionou chamar de Quarto Poder, meio ambiente ainda é uma questão periférica, porque não alcançou esse sentido mais amplo, que extrapola a fauna e a flora. (TRIGUEIRO, 2003, p. 77)

Segundo o autor, o efeito estufa – considerado por muitos especialistas a maior tragédia ambiental em curso no planeta – poderia justificar uma cobertura mais densa dos veículos de comunicação, em função dos múltiplos estragos previstos ao redor do mundo.

² É Jornalista, com pós-graduação em Gestão Ambiental pela COPPE/UFRJ. Foi repórter do jornal Última Hora, da Rádio MEC, da Rádio Jornal do Brasil (AM) e da TV Globo. Atualmente é repórter e apresentador da Globonews.

Hoje em dia, ainda segundo ele, os brasileiros vêm se acostumando com uma nova modalidade de notícia que pretende facilitar a vida de motoristas e informar as condições do trânsito por rádio ou TV. “Fica no ar a impressão de que aquilo faz parte da rotina, como se os engarrafamentos fossem algo normal, do cotidiano [...]”, destaca ele.

Perde-se o foco sobre uma questão essencial que incomoda o governo e a sociedade: até quando vamos tolerar a perda progressiva de mobilidade pela multiplicação indiscriminada de automóveis, o que gera prejuízos para economia (atrasos para encontro de negócios ou no transporte de mercadorias e valores), a saúde (poluição do ar e impossibilidade de encaminhar com rapidez pessoas necessitadas de atendimento médico), a segurança (motoristas imobilizados no trânsito são alvos fáceis para criminosos) e outros setores estratégicos da vida? (TRIGUEIRO, 2003, p. 81)

Os dizeres do jornalista aplicam-se muito bem a este estudo. A mídia não tem acompanhado com eficácia o que está acontecendo em Florianópolis. Apenas quem mora lá pode perceber o que está acontecendo. Quem está fora da cidade e apenas informa-se através da mídia, acha que tudo está normal e que nada de ruim está acontecendo. Os jornalistas que moram lá, talvez até percebam a realidade, porém, acabam tendo que se limitar aos interesses das grandes empresas.

Roberto Villar Belmonte (2004) considera que para que sejam feitas boas reportagens sobre a relação entre o urbano e o meio ambiente, deve-se contemplar a complexidade do cenário:

Para qualquer jornalista descrevê-lo, não basta uma boa reportagem sobre resíduos sólidos, tratamento de esgoto ou doenças respiratórias. O repórter deve ser capaz de juntar as pontas para mostrar o nexos entre assuntos tradicionalmente desconectados na colcha de retalhos do noticiário cotidiano. Uma teia de significados precisa ser alinhavada para possibilitar uma compreensão pública do fenômeno urbano. (BELMONTE, 2004, p. 15)

Belmonte (2004) mostra que a superficialidade impera em assuntos ambientais. Não se faz um elo de ligação com o resto das circunstâncias da vida cotidiana, muitas vezes por interesses de empresas:

Em grandes jornais e revistas, em TVs e rádios e mesmo na Internet, se o assunto é lixo, a superficialidade impera. O repórter dificilmente consegue mostrar que o aterro esgotado que também acaba contaminando os rios tem ligação direta com o padrão de consumo exagerado imposto pelo mercado e pelos próprios veículos de comunicação que informam apenas sobre o problema do momento. As autoridades nunca são questionadas a respeito de políticas de regulação da produção porque a ordem é sempre vender, vender e vender. [...] A chuva é sempre acusada de deixar desabrigados, causar engarrafamentos e até matar. Ninguém se lembra de quando um novo loteamento estapafúrdio é aprovado por burocratas municipais aumentando ainda mais a “panela” urbana, nem quando projetos ignoram completamente o curso original dos rios, lagos e banhados. Os editores lembram-se do lixo se o aterro sanitário, quando existe, esgotou sua capacidade, Mas nunca se lembram de propor reportagens interpretativas, de fôlego, sobre o padrão de consumo nas grandes cidades. (BELMONTE, 2004, p. 27).

A explicação mais plausível para a ausência de coberturas mais profundas sobre a questão ambiental em Florianópolis é o interesse de algumas empresas.

André Trigueiro (2003) afirma:

O fato é que o jornalismo ambiental ameaça os interesses das empresas públicas ou privadas que agem em contramão da sustentabilidade. Para essas empresas, uma exposição ruim na mídia pode desencadear uma sucessão de desastres que vão de um ligeiro arranhão na imagem à perda da credibilidade – com eventuais impactos no faturamento e na cotação das ações no mercado de bolsa. (TRIGUEIRO, 2003, p. 84)

Num mundo tomado pelo capitalismo, as questões ambientais acabam se tornando algo inútil, ou até em muitos casos, prejudiciais, quando deveria ser o inverso.

Segundo Belmonte (2004), a cobertura ambiental qualificada ainda carece de espaço e tempo nos veículos de comunicação das principais cidades do Brasil. “Os veículos de comunicação devem fazer campanhas públicas, informar sobre novos estilos de vida, abrir espaços para idéias alternativas, cobrar soluções criativas do poder público”, afirma ele.

Para Trigueiro (2003), o ensinamento sobre jornalismo ambiental deveria ser maior, tanto para profissionais como para estudantes:

É intrigante como no Brasil, país que detém a maior reserva mundial de água doce, a maior biodiversidade e a maior floresta tropical do planeta, haja tanta escassez na oferta de cursos de meio ambiente voltados para estudantes de Comunicação e jornalistas profissionais. (TRIGUEIRO, 2003, p. 83)

No Brasil, existem apenas duas universidades com disciplinas de jornalismo ambiental no currículo do curso: a Ufrgs (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e PUC/RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Com isso, pode-se perceber que a mudança de mentalidade ainda não ocorreu na própria academia.

Cabe, entretanto, pensarmos em no conceito de responsabilidade, tanto de cada indivíduo, como da imprensa para a conscientização de uma sociedade. É o que aparece nas palavras de Robert Schmuhl (1984):

Uma imprensa livre é um direito constitucional fundamental para nossa sociedade democrática. Ter uma imprensa responsável é um objeto valioso, mas que depende em grande parte do modo como os jornalistas definem “responsabilidade”. (SCHMUHL, 1984, p.5)

Infelizmente, responsabilidade ainda é uma palavra que não fica em primeiro plano em muitos veículos de comunicação. Muitas vezes, como descrito pelos autores anteriormente mencionados, não é fácil que a *responsabilidade* supere os interesses do capitalismo. Nos dias atuais, a palavra representa o *ter*, acima do *ser*.

3 METODOLOGIA

Para examinar a imagem de Florianópolis que é construída pela mídia, foi selecionado o caderno Revista de Verão, encarte do jornal Diário Catarinense e Zero Hora (nos exemplares que circularam no litoral de Santa Catarina), do verão 2004/2005. O período de circulação do suplemento foi de 17 de dezembro de 2004 a 4 de março de 2005, sempre às sextas-feiras.

Durante este período foram coletados não só os exemplares que continham o Revista de Verão, mas também alguns outros em que apareciam matérias que falassem sobre a condições da cidade (ver anexos). Além disso, foram guardadas algumas matérias de outros jornais a respeito do tema. Também foram fotografadas algumas cenas da cidade para retratar um pouco mais sua realidade, expostas no capítulo anterior. Nos anexos, será possível encontrar materiais em que aparecem os problemas da cidade, além de relatórios de balneabilidade e outros dados sobre o turismo.

A técnica utilizada para estudar o Revista de Verão, será a *análise de conteúdo*, que, “permite analisar o conteúdo de livros, revistas, jornais, películas cinematográficas, propaganda de rádio e televisão, *slogans*, etc.” (MARCONI, 1999, p. 131).

Na tentativa de quantificar alguns dados, foram buscadas informações junto a órgãos como Secretaria Municipal de Turismo de Florianópolis, Santur, Sebrae SC,

além de informações extraídas de pesquisas do PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

A análise de conteúdos das matérias do Revista de Verão foi feita através da divisão em *categorias de análise*, a saber:

- **Praias e Lagoa:** fazem parte desta categoria as matérias que tratam de questões relativas às praias, belezas naturais, tranqüilidade, agitação, etc. e quais os principais argumentos para descrever as praias de Florianópolis e a Lagoa da Conceição.
- **Turismo:** nesta categoria estão presentes as matérias que tratam de atrativos para o turista, como gastronomia, compras, festas, belezas, etc,
- **Meio Ambiente:** neste item será avaliado como as questões ambientais foram abordadas no encarte. Será observado se foi dada a importância devida ao tema nas matérias.
- **Publicidade** (anúncios): nesta categoria, serão observados quais os principais produtos anunciados no suplemento. Será feita uma análise quantitativa e qualitativa dos mesmos.

O Revista de Verão foi escolhido para esta análise, pois o jornal Diário Catarinense tem grande circulação em Santa Catarina. Além disso, é fácil perceber que o encarte não traz praticamente nada de dicas em relação à preservação do

meio ambiente, por exemplo, nem alertas quanto à segurança. Enquanto isso, as editorias *Geral* e *Polícia* trazem várias notícias, tanto da poluição como da violência. Basta dar uma simples olhada no jornal e no suplemento para notar-se uma grande contradição entre suas páginas.

4 O QUE ENCONTRAMOS NAS PÁGINAS DO REVISTA DE VERÃO

Neste capítulo serão analisados os exemplares do Revista de Verão (encartado dentro do jornal Diário Catarinense e Zero Hora - nos exemplares que circularam no litoral de SC), referentes ao período de 17 de dezembro de 2004 a 4 de março de 2005. O critério utilizado será observar os argumentos empregados no suplemento, tentando mostrar o que aparece e o que não aparece em suas páginas.

Estas observações serão feitas através da técnica da análise de conteúdo, que, de acordo com Moraes (1999) é uma forma de reinterpretar os fatos e proporcionar uma leitura mais eficaz e apurada. É uma reinterpretação pessoal a partir do objeto estudado, na medida em que “não é possível uma leitura neutra” (MORAES, 1999, p. 11).

É importante ressaltar que o período de circulação do encarte acontece entre dezembro e março, ou seja, no verão. Desta forma, tais encartes são lidos pelos turistas durante a temporada e as idéias passadas por ele poderão ser absorvidas pelos leitores. Alguns, poderão “filtrar” as informações e produzir outros sentidos sobre o que está escrito ali. Porém, aqueles que se valerem apenas de tais informações, poderão ficar em desvantagem com a realidade.

A partir das categorias de análise já estabelecidas, será feita a seguir a descrição do que aparece nas páginas do Revista de Verão.

4.1 Praias e Lagoa

Nesta categoria será avaliada de forma que o suplemento mostra as praias de Florianópolis. Pode-se perceber que as chamadas e as matérias são dotadas de muita adjetivação e subjetividade. Antes de tudo, é importante que se observe alguns títulos:

“Visual de Fantasia” (04/02/05)

“Lagoa da Conceição: espelho do sol” (24/12/04)

“Musa cantada em verso e prosa” (Lagoa da Conceição)
(24/12/04)

“Uma paisagem de tirar o fôlego” (31/12/04)

“Palmas para a natureza” (07/01/05)

“Convite ao sossego” (07/01/05)

“Um mirante divino” (07/01/05)

“Pequena jóia” (28/01/05)

“Da cor do paraíso” (04/02/05)

“Paisagem encantada” (17/12/04)

“Pedacinho abençoado” (11/02/05)

“Um recanto coroado pelo sol” (18/02/05)

Depois de ler alguns exemplos de títulos, fica fácil de perceber a forma como as praias de Florianópolis são caracterizadas pelo suplemento. Em todas matérias lidas, não há, em momento algum, qualquer referência à poluição. A única

observação feita à balneabilidade aparece no exemplar do dia 17 de dezembro, numa nota na coluna *Maresia*³ (ver anexo 4).

Hoje em dia, sabe-se que as águas da Lagoa da Conceição estão muito poluídas. Isso pode ser constatado nos relatórios de balneabilidade⁴ emitidos pela Fatma (Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina), que podem ser conferidos no anexo 6 (alguns exemplos). Na edição do dia 24 de dezembro de 2004 é feita uma matéria falando sobre o local:

“Pois é, mulheres bonitas não faltam na Lagoa. Tampouco, opções para entretê-las [...]. Além disso, sobram opções esportivas e de lazer, como jet ski, vela [...]. A Lagoa concentra o que há de melhor na gastronomia de Florianópolis. [...] Sem contar as baladas das boates, os barzinhos e shows [...]”.

É possível que através destas frases tenha-se idéia do conteúdo da matéria. O enfoque dado a ela é, além de lugar bonito e paradisíaco, de local cheio de atrativos. Em momento algum se falou dos engarrafamentos que acontecem na Avenida das Rendeiras (principal avenida do local que serve de acesso

³ A coluna *Maresia* é escrita por Marcos Espíndola e aparece em todos exemplares do Revista de Verão sempre nas páginas 24 e 25. Na verdade, é uma coluna de variedades, mas que às vezes faz alguma crítica.

⁴ A Pesquisa de Balneabilidade analisa as águas de cada balneário e determina se estão Próprias ou Impróprias para o banho. Isto é, se estão contaminadas ou não por esgotos domésticos. A existência de esgoto é verificada através da contagem da bactéria *Escherichia coli* presente nas fezes de animais de sangue quente, que podem colocar em risco a saúde dos turistas e da população local.

principalmente para chegar à Praia Mole, Joaquina e Barra da Lagoa) nos finais de tarde e tampouco sobre a poluição do local.

A matéria inicia assim:

“Um dos mais belos panoramas que os olhos humanos podem apreciar, panorama que atrai vivamente a atenção dos viajantes, nacionais e estrangeiros, que passam ou se demoram em Florianópolis”. (24 de dezembro de 2004, p. 14).

Esta frase, que abre a matéria sobre a Lagoa foi retirada de um poema do escritor catarinense Virgílio Várzea, escrita em 1901 – época em que provavelmente as águas eram limpas e azuis. Não há dúvidas que a Lagoa é um local muito bonito, com bares, restaurantes, prática de esportes, etc. O que acontece, é que o Revista de Verão não traz na matéria nenhuma referência sobre a poluição do local (ver anexo 1) ou até mesmo as construções irregulares que crescem a cada dia nas redondezas e que agravam o problema pela falta de saneamento. Poderia, neste caso, haver algum box ou até mesmo uma parte dentro da matéria falando da situação. Afinal, trata-se de mídia de turismo, e os turistas e leitores em geral precisam ter consciência de que o cuidado deles é parte importante na preservação da Lagoa. É uma questão de responsabilidade sócio-ambiental que claramente nota-se que não aparece nas páginas do suplemento analisado.

Pode-se afirmar que faltou senso de responsabilidade. Se fosse colocado uma dica, por mínima que fosse, sobre preservação do local, já valeria. Não há compromisso com o meio ambiente. De acordo com Schmuhl (1984), “ter uma imprensa responsável é um objeto valioso, mas que depende em grande parte do modo como os jornalistas definem ‘responsabilidade’”.

Para se ter idéia dos conteúdos das matérias, a seguir estão reproduzidos alguns exemplos de trechos – geralmente aberturas – que aparecem no Revista de Verão⁵:

“Todos os esforços valem à pena. É impossível não se encantar com o visual: grandes rochedos e a vista da Ilha do Campeche com as dunas da Praia da Joaquina ao fundo.” (31 de dezembro de 2004, p. 6)

“O Morro das Pedras é o ponto ideal para apreciar um panorama das praias da Armação e Matadeiro, no Sul da Ilha. [...] O visual em alguns pontos é fantástico.” (7 de janeiro de 2005, p. 11)

“Quem desce o morro que dá acesso à Praia do Santinho impressiona-se com a beleza daquele pedaço do Norte de

⁵ É importante esclarecer que as matérias analisadas neste trabalho referem-se apenas à cidade de Florianópolis. O suplemento traz também matérias sobre outras localidades do litoral de Santa Catarina, mas que não foram utilizadas neste estudo.

Florianópolis. A paisagem já fascinava os antigos moradores da região, índios que deixaram sua paixão eternizada nas rochas. [...] Os costões Norte e Sul, a cor do mar, a faixa de areia fina e clara, o hotel de renome internacional imponente sobre as pedras e o visual das ilhas das Aranhas e do Badejo compõem um cenário que traz paz à alma e encanta os visitantes.” (11 de fevereiro de 2005, p. 6)

Os trechos acima citados servem apenas como exemplo do conteúdo que aparece nas matérias do Revista de Verão. O restante das matérias segue este mesmo estilo. Percebe-se que é dotado de muitos adjetivos que exaltam as belezas de tais lugares e que não há preocupação alguma em dar sequer uma *dica* sobre preservação do meio ambiente ou respeito à população local. Também não é falado nada sobre engarrafamentos⁶, violência, etc. É possível perceber que imagem que o suplemento mostra das praias da cidade, no geral, é bela, paradisíaca e que não apresenta nenhum tipo de problema.

⁶ A única referência sobre trânsito aparece num pequeno box (sem destaque algum) na edição do dia 14 de janeiro de 2005, p.14, onde diz: “com a chegada da alta temporada em Florianópolis, as filas de carros em direção à Praia Mole começam no início da Lagoa da Conceição, dependendo do horário. Além de ter paciência para enfrentar o trânsito lento, é necessário desembolsar entre R\$ 3 e R\$ 5 para estacionar o carro em cada visita à Praia Mole.”

4.2 Turismo

Esta parte do trabalho será uma análise de como foi feito o “chamamento” para os turistas, ou seja, a forma como os atrativos da cidade foram mostrados ao leitor do Revista de Verão.

Sem dúvida, as belezas naturais foram exaltadas e são o grande atrativo para os turistas. Esta abordagem, descrita anteriormente na categoria anterior “*Praias e Lagoa*”, mostra a maneira como elas foram descritas no encarte.

Além das belezas das praias e Lagoa, os atrativos que mais são explorados no suplemento são a gastronomia, as festas, o comércio e as mulheres bonitas (ver anexo 4).

Na página 18 de cada suplemento, aparece a parte dedicada a dar as últimas novidades sobre o *Pier Vivo by DC*⁷: quem apareceu por lá, as atividades e principalmente, as mulheres com corpos esculturais que foram fotografadas.

Segundo o jornal, o *Pier Vivo by DC* é “um espaço harmônico, pronto para receber pessoas de bem com a vida e dispostas a curtir o verão de Santa Catarina de maneira leve e sofisticada”, ou seja, só é *VIP*, quem freqüentar o bar. “A praia de Jurerê Internacional é uma das mais bonitas e sofisticadas da Ilha de Santa Catarina

⁷ O *Pier Vivo by DC* é uma parceria entre a Vivo, o Diário Catarinense e o restaurante Taikô, localizado na praia de Jurerê Internacional. O bar oferece massagem, ginástica, música, gastronomia, esportes e “muita badalação”.

e promete ser ‘o’ ponto deste verão”, descreve o suplemento (17 de dezembro de 2004).

A seguir, exemplos de chamadas de matérias referentes ao bar:

“O Brasil nas areias do Píer: sotaques de vários estados emprestam charme a Jurerê Internacional.” (11 de fevereiro de 2005)

“Se melhorar, estraga. Dias perfeitos fazem a festa dos freqüentadores do Píer Vivo by DC.” (14 de janeiro de 2005)

“Cada uma com seu estilo. Freqüentadoras do Píer Vivo by DC ditam o que deve ser usado.” (21 de janeiro de 2005)

“Badalação sem fim. Píer Vivo by DC vai esquentar ainda mais as areias de Jurerê.” (17 de dezembro de 2004)

Além do *Píer Vivo by DC*, a gastronomia da Ilha é forte atrativo para visitantes. Ostras, peixes, mariscos, camarões, etc. aparecem constantemente nas páginas do Revista de Verão mostrando como, na Ilha, pode-se desfrutar do pecado da gula.

Evidentemente, o turista é bem-visto no Revista de Verão. Abaixo, seguem mais exemplos de títulos ou trechos de matérias onde eles aparecem:

“Ar de comunidade pesqueira da Barra da Lagoa inspira turistas de todas as latitudes” (14 de janeiro de 2005)

“Canasvieiras, no Norte da Ilha, transforma-se em enclave argentino durante a temporada” [...] Hermanos dominam também a Cachoeira do Bom Jesus” (28 de janeiro de 2005)

“O passeio de escuna é um dos momentos mágicos para os turistas em Florianópolis, que brincam com os golfinhos e visitam a Ilha de Anhatomirim” (4 de fevereiro de 2005)

“Sul-americanos adoram agito de Ingleses, no Norte de Florianópolis” (18 de fevereiro de 2005)

“Águas de março. Para muita gente, o final da temporada significa o começo das férias de verdade. [...] os turistas têm muito a aproveitar na chamada ‘baixa temporada’ [...]. Um cenário perfeito para os visitantes da terceira idade, que chegam dispostos a pegar praia vazia e preços baixos” (4 de março de 2005)

O convite à prática de esportes na Ilha também é assunto freqüente nas páginas do Revista de Verão. Além do surf, tem canoagem, vôo livre, jet ski, *sandboard* (surf em dunas), *kitesurfe* (surf com asa delta), caminhadas por trilhas, mergulho, rapel, ginástica, etc.

Em praticamente todas as matérias de praias, há um box intitulado “Como chegar”, que mostra como se faz para chegar ao local descrito. Tem um pequeno mapa indicando o lugar e um texto explicando como se chega ao destino de carro e de ônibus. Estas informações servirão ao turista para se localizar, tanto para ir de automóvel, como de transporte coletivo (inclusive informa os preços das viagens).

No Revista de Verão, não se fala na violência que cresce a cada dia, dos engarrafamentos, da falta de água, da poluição. O turista não é informado sobre esses problemas sócio-ambientais através do encarte.

De acordo com Abdon Barreto Filho (1999), “é óbvio que o *marketing* turístico deve conhecer e respeitar o meio ambiente para que possa atrair e manter turistas satisfeitos.” Ele destaca ainda que o equilíbrio entre a especulação imobiliária, a falta de um Plano Diretor Turístico, o desconhecimento de suas riquezas geográficas, ou mesmo a falta da conscientização turística da população, entre outros, geram problemas imensos para quem trabalha na elaboração de roteiros turísticos. “Nos espaços urbanos, o turismo está comprometido pela poluição do ar e pela ausência de uma política de preservação ambiental”, afirma ele.

Desta forma, é fundamental que haja conscientização tanto por parte dos políticos de cidades onde há exploração do turismo, como da população que vive nestes locais.

4.3 Meio Ambiente

A situação ambiental de Florianópolis não é totalmente retratada no suplemento Revista de Verão. Fala-se muito das partes preservadas, mas não é mostrado onde há pontos críticos de devastamento e poluição.

Não há referências à preservação do meio ambiente, apenas são mostradas características de um lugar, afirmando que as águas são azuis e a mata preservada, por exemplo, mas sem conscientizar o leitor de que é necessário que haja cuidado com a natureza. Locais poluídos são descritos por belezas e sua situação ambiental não é mencionada.

Como já falado na parte “*Praias e Lagoa*”, o exemplo da Lagoa da Conceição é aplicável aqui também. A questão ambiental na Lagoa é muito grave, mas não há qualquer comentário sobre isso no suplemento. Qualquer referência à poluição do lugar poderia afugentar os turistas, ocasionando prejuízos ao comércio. Portanto, mais uma vez a mídia acaba cedendo aos interesses do capitalismo.

Esta situação pode ser explicada através das palavras do jornalista André Trigueiro, quando afirma que o jornalismo ambiental ameaça os interesses das empresas públicas ou privadas que agem em contramão da sustentabilidade. Segundo ele, para essas empresas, uma exposição ruim na mídia pode desencadear uma sucessão de desastres que vão de um ligeiro arranhão na imagem à perda da credibilidade – com eventuais impactos no faturamento e na cotação das ações no mercado de bolsa.

Hoje em dia, as empresas jornalísticas dependem de anunciantes. Interesses comerciais acabam norteando o foco das matérias. Investigações sobre a gestão ambiental de algumas empresas, poderiam trazer muitos problemas ao veículo que as publicasse. Assim, a cobertura sobre meio ambiente torna-se escassa e superficial.

A seguir, exemplos de títulos e de trechos que falam sobre o meio ambiente em Florianópolis:

“A praia é realmente bonita, cercada por costões cobertos de vegetação nativa e banhada por um mar agitado, ao contrário da mansidão das outras praias da região.” (25 de fevereiro de 2005)

“Em vez de pescadores, porém, hoje a areia branca e fina e a natureza generosa atraem turistas e surfistas de sotaques variados” (17 de dezembro de 2004)

“Chega-se lá por uma trilha um pouco íngreme, que exige dez minutos para ser percorrida em meio à vegetação nativa. O prêmio para os persistentes é um banho em águas límpidas e refrescantes em uma piscina natural” (17 de dezembro de 2004)

“Com quase três quilômetros de extensão, a Daniela é uma praia de natureza preservada, belo visual, mar limpo e sem ondas, ideal para a criançada brincar” (25 de fevereiro de 2005)

“Com uma natureza praticamente intocada, o local fica deserto durante quase todo o ano. Somente no verão é que o movimento de pessoas aumenta” (31 de dezembro de 2004)

É preciso salientar que Florianópolis possui áreas ainda preservadas e que os lugares são realmente muito bonitos. A questão que se levanta aqui é a omissão de fatos, como a poluição, que hoje são um problema para a Ilha (ver anexos 1 e 2). A falta de conscientização com relação a estes pontos críticos não aparece no encarte, por isso o questionamento.

4.4 Publicidade

Grande parte do espaço do Revista de Verão é preenchida por anúncios publicitários. O que se pode observar é que a maioria deles (ver Quadro 1) é referente a imóveis. Claramente percebe-se a intenção de quem anuncia em vender os empreendimentos ao público que lê – os turistas. É feito um apelo mostrando que, para se viver no paraíso, basta comprar um daqueles imóveis.

Os demais anúncios são de produtos para emagrecer (medicamentos, chás, equipamentos para ginástica, etc.) que têm maior procura no verão, pois as pessoas querem manter um corpo bonito para desfilarem na praia. Celulares também ocuparam espaço nas páginas do suplemento. Com as festas que acontecem durante o verão, não se pode perder o contato com os amigos.

Por fim, vale lembrar de outros anúncios, como de hotéis, pousadas, restaurantes, parques, etc., que também querem atrair os leitores.

Na última página do Revista de Verão, há um espaço chamado “Guia de Verão”, também com pequenos anúncios de prestadoras de serviços (restaurantes, hotéis, pousadas, casas de jogos, etc.)

O Quadro a seguir mostra a quantidade de anúncios que apareceram nos exemplares do Revista de Verão analisados. Os pequenos anúncios do “Guia de Verão” não entraram na contagem.

Quadro 1: Anúncios

Categoria:	Quantidade:
Produtos para emagrecer	22
Imóveis	102
Celulares	24
Outros ⁸	30

Fonte: Exemplos analisados do Revista de Verão

A seguir, algumas frases que aparecem nos anúncios:

“Seu verão com muito mais sentido” (Residencial Costa do Sol)

“Previsão para 2005: muita inteligência, muita tecnologia e aquele bronzeado dos sonhos” (Floripa Loft)

“O nosso litoral é uma beleza atrás da outra. Bio Redux está em todas” (Bio Redux)

“Mude-se para o Jurerê Internacional ainda neste verão e descubra o prazer de viver aqui o ano inteiro” (Jurerê Internacional)

⁸ Por exemplo: hotéis, parques, alimentos para cães, etc.

“Você vai querer passar as férias em casa” (Laguna International)

“Vai ficar aí só suspirando e imaginando?” (Laguna International)

“Melhor que ver esta paisagem, é morar de frente para ela” (Laguna International)

Nos anúncios de imóveis, percebe-se que, para atrair o público-alvo – o turista -, é feito um apelo no sentido de mostrar que ele pode viver bem em Florianópolis, tanto no verão, como durante o ano inteiro e que para isso só é necessário adquirir um imóvel desses. Uma bela paisagem de praia aparece na maior parte destes anúncios.

Se o suplemento não falar bem dos lugares e apontar problemas existentes, não terá como vender anúncios. A publicidade, principalmente de imóveis, só será vendida se houver chance de os empreendimentos também serem comercializados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, pode-se perceber que, levando-se em conta o papel jornalístico descrito ao longo do Capítulo 2, o suplemento Revista de Verão não cumpre totalmente seu papel de informar, pois omite problemas sócio-ambientais que, conforme já demonstrado, vêm ocorrendo em Florianópolis.

O Revista de Verão somente reflete algumas das muitas facetas da realidade da Ilha. Tudo que é bom e bonito aparece ali, em detrimento da violência, falta de água, poluição, etc., que acabam atormentando não só os moradores da cidade em si, mas aqueles que chegam e deparam-se com um cenário diferente do apresentado pelo suplemento.

Cabe ressaltar que a cidade é de fato muito bonita e atrativa por suas belezas naturais. No entanto, é necessário dizer que apenas essa parte da realidade florianopolitana foi apresentada fielmente pelo suplemento na maior parte do tempo, porém, muitos fatos importantes e decisivos foram omitidos. Os problemas que a cidade sofre com a exploração excessiva do turismo não apareceram nas matérias do encarte.

O que foi questionado neste trabalho é se a mídia de turismo – neste caso o Revista de Verão – mostra os problemas sócio-ambientais que a cidade sofre com o turismo e conseqüentes imigrações. Após o término do estudo, a resposta para tal questão é *não*. O Revista de Verão não mostra violência, não mostra poluição, não

mostra as favelas que estão crescendo na periferia da cidade, não alerta que pode faltar água potável, não mostra as longas filas de carros nos finais de tarde, etc. Apenas mostra a natureza na sua versão mais bela, mulheres de biquíni, festas, gastronomia e todos os atrativos possíveis. Percebe-se claramente a intenção do suplemento em mostrar tudo que há de bom na cidade para fortalecer o turismo.

É importante observarmos que a mídia, como um todo, tem (ou pelo menos deveria Ter) responsabilidade com toda e qualquer informação passada ao receptor. Isso nos remete a recordar as palavras de Robert Schmuhl (1984), quando afirma que uma imprensa livre é um direito constitucional fundamental para nossa sociedade democrática. Para ele, Ter uma imprensa responsável é um objeto valioso, mas que depende em grande parte do modo como os jornalistas definem “responsabilidade”.

Pode-se perceber que no caso do Revista de Verão, a responsabilidade é atrair os turistas, mesmo que para isso seja necessário omitir determinados fatores. Questões como o meio ambiente ficam em segundo plano no conteúdo das matérias. Isso por que, segundo o jornalista André Trigueiro (2003), meio ambiente ainda é uma questão periférica, porque não alcançou esse sentido mais amplo, que extrapola a fauna e a flora.

O Revista de Verão é um exemplo clássico de que as palavras do autor aplicam-se à realidade e não se trata de exageros nem de *eco-chatismo*.

Além disso, é importante observarmos o que se tornou comum nos dias de hoje: o capitalismo acima de tudo. Hoje, a imprensa perdeu seu caráter romântico e tudo é comércio. O jornalismo ambiental ameaça os interesses das empresas públicas ou privadas que agem em contramão da sustentabilidade. Para essas empresas, uma exposição ruim na mídia poderia gerar desastres, prejudicando sua imagem e conseqüentemente, causando problemas ao veículo de comunicação que publicasse matérias que denunciasses maus-tratos ao meio ambiente. Também é importante lembrar que hoje os veículos dependem da venda de espaços comerciais. O Revista de Verão é mais uma oportunidade de gerar renda para a empresa, através da comercialização da publicidade.

É evidente que a mídia de turismo tem o papel de atrair os turistas. Porém, isso não exclui a responsabilidade de mostrar, mesmo que de forma sutil, problemas sócio-ambientais decorrentes da atividade turística.

A conscientização deve chegar à sociedade. Uma tentativa seria mobilizar, em primeiro lugar, o jornalista. Porém, sabe-se que nem sempre ele pode escrever o que quer por causa de interesses comerciais da empresa. Uma solução apontada ao problema seria começar pela universidade. É intrigante, como destaca o jornalista André Trigueiro (2003), que o Brasil, o país que detém a maior reserva mundial de água doce, a maior biodiversidade e a maior floresta tropical do planeta, tenha tanta escassez de cursos de meio ambiente voltados para estudantes de Comunicação e jornalistas profissionais.

Para avaliarmos se é válido o que aparece no Revista de Verão, basta pesarmos o que se ganhou com tudo isso. Será que vale a pena gerar tanta renda com turismo e com investimentos de novas empresas se os prejuízos causados na natureza tornam-se cada vez maiores?

A intenção de realizar este trabalho era verificar como o Revista de Verão mostrou a cidade de Florianópolis para os turistas e avaliar o tratamento dado aos problemas sócio-ambientais que ocorrem no local. Com este trabalho, tentou-se mostrar que existe uma cidade, como tantas outras no país, que passa por sérios problemas e que não são percebidos pela sociedade. Em alguns momentos até o são, mas os interesses capitalistas são maiores. A exploração demasiada do turismo torna cada vez mais as pessoas distantes da natureza e a natureza distante do seu propósito com o homem.

REFERÊNCIAS

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GASTAL, Susana. **Turismo urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos autores, 1999.

DENCKER, Ada F.; KUNSCH, Margarida, org. **Comunicação e Meio Ambiente**. São Bernardo do Campo, Intercom/IMS, 1996.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Ed. Vozes, 1998.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo. Educação**. Porto Alegre, ano XXII, 1999.

SCHMUHL, Robert, org. **As responsabilidades do Jornalismo**. Rio de Janeiro, Nórdica, 1984.

TRIGUEIRO, André, coord. **Meio Ambiente no Séc. 21**. Rio de Janeiro, Sextante, 2003.

VILAS BOAS, Sergio, org. **Formação & Informação Ambiental: Jornalismo para Iniciados e Leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

www.clicrbs.com.br

www.santur.sc.gov.br

www.pmf.sc.gov.br/turismo

www.sebrae-sc.com.br

www.pnud.org.br

www.ibge.gov.br

ANEXOS

(no outro arquivo)

ANEXOS

Anexo 1 – Matérias - Diário Catarinense

Anexo 2 – Matérias - outros jornais

Anexo 3 – Especial

Anexo 4 – Revista de Verão (exemplos)

Anexo 5 – Dados oficiais - Santur

Anexo 6 – Relatórios de balneabilidade

Anexo 1:

DIÁRIO CATARINENSE

ANO III - Nº 6998 - SC - SEXTA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO DE 2005 - www.dccrbs.com.br

Carnaval faz dobrar tráfego nas rodovias

BRs 101 e 470 vão receber maior volume de carros

Com base em anos anteriores, os patrulheiros rodoviários estimam que o movimento de automóveis vai duplicar durante o Carnaval nas BRs 101 e 470.

No Litoral, pela BR-101, trafegam 18 mil veículos diariamente, e, neste período, estão previstos 36 mil. Já na BR-470, que corta o Vale do Itajaí e a Serra Catarinense, estima-se que o movimento de automóveis chegará a 40 mil por dia.

São 520 patrulheiros federais trabalhando durante o Carnaval. As estradas estaduais vão ser vigiadas por 564 policiais atuando na Operação Alegria.

SEXTA-FEIRA, 23/01/2005

Carro-pipa garante lucro na temporada

Empresa recebe pedidos 24 horas e atendimento se concentra no Norte da Ilha, a região mais atingida da Capital

JOÃO CAVALAZZI

Nem todo mundo reclama no verão com a falta d'água. Em Florianópolis, uma empresa que fornece o escasso líquido luta durante a temporada.

Desde novembro até ontem, a firma havia vendido pouco mais de 3 milhões de litros através de carro-pipa, afirma Rachel Teixeira, uma das proprietárias.

Pelo menos 80% das cerca de 200 viagens realizadas pelas motoristas da empresa desde o início da temporada de Verão tiveram como destino o Norte da Ilha, a região da Capital mais afetada pela falta de água.

Trabalhamos a noite toda. Temos reservado praticamente 24 horas - diz Rachel.

Os caminhões (que carregam 30 mil litros cada um R\$ 250), os que levam 15 mil litros de água custam R\$ 450, informa ela. Conforme Rachel, a água, potável, é extraída de um poço artesiano no município de São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis.

Os maiores clientes são os moradores da Praia Brava. Outros, quatro caminhões levando 15 mil litros de água foram chamados ao local. No total do semana, oito caminhões foram contratados.

Sem contar com a rede de abastecimento da Casan, pequenas comerciantes também se vêem obrigadas a recorrer aos serviços da empresa. É o caso de Gilverson Alves, que gerencia um estacionamento na Praia da Lagosta, também no Norte da Ilha. Para garantir aos clientes o conforto de serem uma dacha, ao sair do mar, e justificar aos R\$ 5 cobrados pela guarda dos veículos, ele conseguiu uma taxa d'água, que é abastecida por caminhões-pipa.

Família de turistas reclama de escassez

- A água da Casan não tem força até a caixa, então a gente compra a água - explica Alves.

Já os turistas enfrentam o problema quase todos. A paulista Renata Pereira, 34 anos, está na Praia do Santinho com mais oito familiares. Desde o dia 27 de dezembro a água não chega regularmente. O problema foi anunciado nos últimos dias, mas ainda causa transtornos.

- Tem dia que a água só chega às 2h, é um problema, principalmente por causa das crianças - reclama a netista, que classifica a situação como "uma vergonha".

joao.cavalazzi@diario1.com.br



O mesmo inferno todo o Verão

Desde o dia 23 de dezembro a motorista Joice Simas, 43 anos, e seus cinco filhos estão sem água na casa onde moram em Cascovelas.

- Tudo o Verão é o mesmo inferno - conta.

Sua casa está localizada no subsolo de uma residência e para manter a casa limpa Joice tem de descer a ladeira pelo menos 30 vezes por dia com dois baldes nas mãos.

- Não há pressão suficiente para a água chegar aqui em função do alto consumo, mas existe uma casa d'água da Casan no alto do morro instalada há mais de 10 anos e nunca foi abastecida - reclama.

AMBIENTE Comitê se reuniu ontem para analisar proposta de controle da emissão de esgoto no complexo Poluição ameaça Lagoa da Conceição

FABIANO MORAES

Um comitê de gerenciamento de bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição, de Florianópolis, se reuniu ontem, no auditório da Justiça Federal, com representantes da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Ciasa), da prefeitura da Capital e da Fundação do Meio Ambiente (Fama), para analisar as propostas de controle da poluição em um dos maiores cartões-postais da ilha de Santa Catarina.

De acordo com o presidente do comitê, Alcino dos Passos Santos, cerca de 35 mil pessoas residem no entorno da lagoa, e apenas 20% das moradias estão ligadas à rede coletiva de esgoto.

Segundo Alcino Santos, desde 1996 tramita na Justiça uma ação civil pública com prisões coativas a elaboração de um plano diretor específico para a Lagoa da Conceição.

— Queremos que seja anulada a especificidade da região da Lagoa da Conceição. O atual plano diretor não prevê nada que efetivamente resolva a questão da poluição — disse o presidente do comitê.

A entidade que gerencia a bacia hidrográfica da Lagoa agostou o caso urbano na região, o turismo desordenado e a inexistência de projetos de caracterização ambiental como as principais razões do crescimento das redes de



SANEAMENTO: Somente 20% das casas do bairro de 35 mil habitantes têm ligação com a rede de esgoto

— Além disso, o depósito de material pesado — restos de óleo e combustíveis lançados por lanchas e barcos à motor — e as fezes de animais que permeiam o local contribuem para o comprometimento geral da área.

— E a rede parcial, feita para receber somente água da chuva, é sobrecarregada com os excessos das casas e condomínios. E a água do banheiro, da pia, da máquina de lavar que chega até a lagoa — explica Alcino Santos, que acrescenta:

— As consequências da poluição podem ser vistas por qualquer um. Algas em decomposição por falta de oxigênio e a areia miúda e com coloração escura dão sustentação à mesma vida.

O Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição foi criado pelo governo do Estado há cinco anos e conta com 25 entidades filiais.

Dois corpos achados em oito horas

Jovem de 18 anos foi encontrado com tiro na cabeça em bairro do Continente, na Capital

Duas pessoas foram encontradas assassinadas ontem em oito horas, em Florianópolis. O primeiro foi Charles Furtado, de 18 anos, morto com um tiro na cabeça e encontrado na praia do Bairro Abraão. A segunda vítima também é um homem que não foi identificado; ele estava enterrado ao lado de uma casa no Bairro Monte Verde, na Capital

Furtado que não trabalhava foi encontrado através de uma denúncia anônima que um homem estava morto na praia. Como a pessoa que ligou não especificou o local, os policiais demoraram para encontrar o jovem boiando com um tiro na testa. A possível arma do crime foi um revólver calibre 22.

A vítima estava na companhia de outro jovem de 20 anos, que foi preso minutos depois do assassinato por furto na Rua Pascoal Simone, Bairro Coqueiros. Ele estava se escondendo em uma residência e foi flagrado por vizinhos

O jovem estava com um aparelho de som dentro de uma bolsa e foi dominado pelo proprietário da residência. Ele conseguiu entrar pelo telhado. Até então a polícia não sabia que o jovem estava se escondendo dos autores do homicídio

Após negar o envolvimento com Furtado, o rapaz disse que ambos estavam na comunidade do Morro da Covanca. Eles se passavam como "avião", jovem que pega a droga com o traficante, e desapareciam com o dinheiro

Jovem foi assassinado no morro e desovado na praia

- Nós estávamos no morro quando os traficantes apareceram e eu fugi para um lado oposto do Charles. Por isso, eu estava dentro de uma residência e somente na delegacia descobri que o meu colega estava morto – disse

Segundo a Polícia Militar, Furtado não tinha antecedentes criminais, mas foi detido no sábado como suspeito de um roubo na comunidade Fazendo do Max, em São José. A delegacia de polícia de Forquilha não confirmou a informação da PM.

A suspeita dos investigadores da Central de Polícia da Capital (CPC) é que furtado tenha sido executado no Morro da Covanca e depois desovado na praia do Bairro Abraão

O delegado Adalberto Safanelli tenta identificar os responsáveis pelo assassinato com o rapaz que conseguiu sobreviver a perseguição

Diário catarinense, 22 de março de 2005.

Serviço aumenta quatro vezes

A temporada de Verão, que representa descanso para muitos trabalhadores, é sinônimo de trabalho para os funcionários da Companhia de Melhoramentos da Capital (Comcap), em Florianópolis. O aumento médio de lixo registrado chega a 30%, saltando das 10 mil toneladas para 13 mil toneladas em janeiro.

Na Praia de Canasvieiras, no Norte da Ilha, o volume total de dejetos recolhidos chega a aumentar em até quatro vezes durante o Verão em relação à baixa temporada.

Como no ano passado, apenas em áreas de grande concentração hoteleira e gastronômica foi implementado roteiro específico de coleta convencional no dia da seletiva. Na coleta convencional, incluem-se materiais orgânicos (cascas de frutas, papel engordurado, legumes e restos de alimentos).

Para atender à demanda a Comcap organizou coleta diária até 31 de março nas praias, conforme o ano passado, quando um dia da semana está reservado para a coleta seletiva (papel, plástico, vidros e metais) em substituição à coleta convencional. Outra iniciativa é a de investir na conscientização do turista, motivando-o a também separar o lixo, enquanto desfruta das férias.

A Comcap informa que todo o material separado para a reciclagem deve estar limpo. Os materiais (vidro, plástico, papel ou metal) podem ser embalados no mesmo recipiente.

Diário Catarinense, 3 de fevereiro de 2005.

Manchas passeiam no mar da Capital

Parte dos resíduos com 10 metros de extensão chegou à Praia do Meio, no Bairro Coqueiros

Quem passou pela Ponte Pedro Ivo Campos, na manhã de ontem, teve a oportunidade de se intrigar com inúmeras manchas escuras se deslocando com a corrente marítima da Baía Sul. Elas chamavam a atenção pelos tamanhos variados, pela quantidade observada e pelo sincronismo nos deslocamentos.

Até o início da tarde, Ibama e Fundação de Meio Ambiente (Fatma) não tinham recebido quaisquer denúncias ou solicitações de fiscalização para averiguar os resíduos misteriosos

A Casan, por sua vez, negou anormalidades na estação de tratamento de esgotos, situada próxima às cabeceiras insulares das pontes que ligam a Ilha ao Continente

Ao longo do preamar, as nódoas - duas fileiras extensas e relativamente uniformes - foram se deslocando rumo ao sul da Baía Sul. Por causa de uma combinação entre distância da orla, textura e incidência de luz no mar, por volta do meio-dia já não era mais possível avistá-las. Com a maré em transição para o baixa-mar e o vento leste soprando no início da tarde, algumas manchas se deslocaram rumo às praias do Continente.

Na praia do Meio, em Coqueiros, uma "encalhou" no costão ao lado do bar do Fedoca. Tinha cerca de 10 metros de extensão e cobria os cascalhos como se fosse um imenso tapete retorcido

A nódoa chamou a atenção pela coloração na parte superior - um misto de verde musgo com roxo - e pela massa gelatinosa preta na parte inferior, formando uma camada de cerca de três centímetros de espessura, aproximadamente

A ausência de cheiro de esgoto eliminou a suspeita de vazamentos em algum ponto da região central de Florianópolis. A maresia, no entanto, emanava e causava náuseas.

A Fatma enviou dois técnicos à praia do Meio, por volta das 16h, para averiguar a substância. Mas, segundo a assessoria de comunicação do órgão, eles não encontraram nada e, por isso, não é possível determinar se é material nocivo ao ecossistema e à saúde humana.

Diário Catarinense, 22 de fevereiro de 2005

Valioso, mas ameaçado

Sob a Ilha de Santa Catarina existem aquíferos altamente valiosos. Porém, ameaçados. O melhor do Estado entre os superficiais localiza-se ao Norte, é o Aquífero dos Ingleses-Rio Vermelho. Um dos maiores riscos são as ponteiras.

Estima-se que entre 6 mil e 7 mil estejam fincadas em moradias como na Favela do Siri, na Praia dos Ingleses, e ou em mansões, hotéis luxuosos e restaurantes à beira-mar ou no bucólico Rio Vermelho.

Na última semana o Ministério Público lacrou pontos na sofisticada Praia Brava

São locais de captação instalados muitas vezes próximo aos esgotos, colocando em risco a contaminação do lençol. Algumas são abertas ao lado das fossas sépticas. Outro problema é a falta de informação sobre a quantidade de água retirada do manancial. A Casan explora a vazão de 330 litros por segundo através de 23 pontos. Foi calculado o potencial de extração máxima de 400 litros por segundo

Com base em informações de estudos preliminares realizados pela empresa Engenharia e Pesquisas Tecnológicas (EPT), contratada em 2000 pela Casan, existe risco iminente de esgotamento.

- Estamos no limite - avisa Claudio Ramos Floriani Júnior, consultor de Gestão Ambiental da Casan.

Por isso, defende a necessidade de identificar e cadastrar todas as moradias e estabelecimentos que têm ponteiras no no Norte da Ilha

O manancial enfrenta ainda o problema da recarga natural. Sem chuva, poderá secar.

AMBIENTE Cerca de 5 mil metros quadrados de mata queimaram na Praia de Moçambique, na Capital

Fogo destrói área de parque na Ilha

MICHAEL SONZALVES

O vento nordeste e o sol forte de ontem colaboraram para a propagação das chamas no Parque Florestal do Rio Vermelho, em Florianópolis, que teve cerca de 5 mil metros quadrados de área incendiados. A vegetação de pinus e eucaliptos ficou destruída entre as margens da Rodovia João Gualberto Soares e a Praia de Moçambique.

Desseis pessoas, entre policiais ambientais, bombeiros e moradores, combateram as chamas durante três horas e meia no parque. Como a região é de difícil acesso, eles utilizaram enxadas e hastes para conter o fogo.

— Queremos abrir uma vala para evitar a propagação das chamas pela vegetação nesteira por quase 2 mil metros. A quantidade de folhas secas e o tipo de solo dificultaram o trabalho — disse o tenente Charles Alexander Vieira.

De acordo com o tenente, há duas semanas vêm ocorrendo incêndios na Grande Florianópolis. Eles estão acontecendo na maioria dos casos em terrenos baldios, as margens das rodovias, como o do Parque Florestal do Rio Vermelho.

Na avaliação do oficial, são provocados, em grande parte, por searas de cigarros, palitos de fósforo jogados acenos na mata ou foguetas não apagadas. Por isso, alerta a população para que esses objetos não se transformem em grandes estragos ao ambiente ou para moradores dessas regiões.

Incêndio teve início próximo a uma trilha

No incidente de ontem, segundo o soldado da Polícia Ambiental Cesar Murilo, as chamas começaram nas proximidades de uma trilha que cruza o parque estadual e teve início na Rua de Moçambique. Ele não descarta a possibilidade de o incêndio ser criminoso, pelos vários focos em diferentes locais.

— Temos um problema grave de usuários de drogas que aproveitam a pequena quantidade de policiais (menos por plantão) para dominarem a região. Isso levanta uma suspeita que, sob o efeito de drogas, eles possam ter azeado fogo na vegetação. Além disso, não temos equipamentos para dar o primeiro combate às chamas enquanto aguardamos a chegada dos bombeiros — lamenta o soldado.

michel@catarinense.com.br

Onde fica



Fique por dentro

Nome: Parque Florestal do Rio Vermelho

Onde fica: em Florianópolis, no Norte da Ilha

Área: 1,1 mil hectares

Criação: foi criado por decreto estadual em 1962

Características: Protege uma extensa restinga litorânea que une o Morro das Aninhas à Barra de Lagoas, formando uma diversidade de sistemas: áreas abertas com vegetação de margem, matas de vegetação nativa, dunas móveis, floresta de eucaliptos e áreas florestais.



ALERTA: O Corpo de Bombeiros suspeita que homem tenha causado o incêndio

Incêndio em vegetação nativa

▼ SÃO FRANCISCO DO SUL

Um incêndio ontem pela manhã queimou aproximadamente dois quilômetros quadrados de vegetação nativa no Bairro Larajettes, em São Francisco do Sul, no Norte catarinense.

O fogo começou perto das 10h e só foi controlado por volta das 13h. Os bombeiros acordaram que o fogo teria sido provocado por uma seara de cigarro ou uma queimada pequena que um motorista tenha feito no próprio pátio. Como ventos forte e a vegetação estava seca, as chamas se alastraram com facilidade.

Próximo ao meio-dia, os bombeiros admitiram ter perdido o controle do incêndio e planejaram pedir reforço de corporações dos municípios vizinhos.

Logo em seguida, no entanto, o vento ficou mais fraco e foi possível controlar as chamas apenas com os 20 voluntários que atuam em São Francisco do Sul e o helicóptero.

O impacto maior deve ser na vegetação e na morte de pequenos animais que viviam na área.

Florianópolis quer reprimir ocupação ilegal

A prefeitura de Florianópolis vai formar uma força-tarefa para fazer um levantamento em todas as ocupações irregulares em áreas de preservação permanente da Ilha de Santa Catarina.

O objetivo é evitar a proliferação de novas construções sobre dunas e regiões de Mata Atlântica e remover aquelas que comprometem o ambiente, explicou o procurador-geral do município Jaime de Souza.

Com o prefeito Dário Berger, Souza participou ontem à tarde de uma reunião com representantes dos ministé-

rios públicos Federal e Estadual.

A procuradora da República Anália Hartmann e os promotores de Justiça Alexandre Herculano Abreu e Mário Amarante buscam uma solução cooperada para o problema, que a cada ano vem se agravando em várias partes da Capital.

Uma das maiores preocupações é com a comunidade formada no final da Rua do Siri, nos Ingleses, Norte da Ilha, onde centenas de barracos foram erguidos sobre dunas. Além do problema ambiental, as casas também correm perigo por conta da movimentação natural da areia.

Conforme o procurador Jaime de Souza, a prefeitura, com o Ministério Público, pretende regularizar as construções que não oferecem risco ao ambiente e retirar aquelas que estão construídas em áreas de preservação permanente.

— Queremos dar um basta nesses assentamentos — afirmou Souza, acrescentando que a prefeitura pretende recuperar as dunas dos Ingleses.

Segundo o procurador, as comunidades serão ouvidas pela prefeitura antes que qualquer medida seja tomada. A contaminação do lençol freático também é motivo de preocupação.



CALEOR: Mar de guarda-olhos toma conta das areias da Praia do Cachoeira do Bom Jesus, no Norte da Ilha

TEMPORADA: Temperatura chegou a 30°C, ontem, em Florianópolis

Quinta-feira de praias lotadas na Ilha de SC

JEFFERSON BERTOLINI

A temperatura ontem em Florianópolis chegou a 30°C. Não foi o dia mais quente do ano na cidade, mas bastou para levar milhares de pessoas às suas praias, principalmente às do Norte da Ilha.

Na Praia Brava, no extremo Norte da Ilha, o movimento na faixa de areia já era grande às 10h de ontem. Muitas vezes turistas do Paraguai, Uruguai, Chile e Argentina.

Decidi vir para cá hoje atrás de praia, mas o mar está bravo. De qualquer forma, passar algumas horas em uma praia deserta, heita, já é muito bom - disse o turista Mário Siferstein, de Buenos Aires, Argentina.

Movimento não arvia comerciantes locais

Os comerciantes locais desmentem esse declínio com o movimento.

- Se compararmos isso a temporada passada, estamos com um movimento 40% melhor. Antes os turistas passavam um mês aqui, agora ficam só 15 dias. Deve ser porque a temporada está muito curta (por causa da antecipação do Carnaval) - disse um comerciante.

Na Praia Cachoeira do Bom Jesus, também no Norte da Ilha, a praia recebeu "solho cheia" para os visitantes, segundo avaliação de moradores.



TURISTAS: Argentinas estão em grande número nas praias de Florianópolis

turistas lotam no Cachoeira do Bom Jesus também está grande ontem.

- Já esteve em outras praias da cidade. Acha que daqui muito linda, muito tranquila para as crianças. É uma praia que não tem onda - disse a argentina María Huetzelov, 30 anos, que passa a temporada em Florianópolis há quatro anos.

Temperatura vai subir hoje

Para hoje, segundo o Centro de Informação de Recursos Ambientais de Hidro meteorologia (Cira) de Santa Catarina, a temperatura em Florianópolis deverá ser de 30°C.

Para amanhã, em todo o Estado, a meteorologia prevê chuva a partir das 12h devido a uma frente fria que se forma no Rio Grande do Sul.

No Estado, as maiores temperaturas deste ano foram registradas ontem às 15 e 16 horas. Em Ilhabela, no dia 5, fez 38°C. Em Itaipava, no dia 5, fez 29°C.

jefferson.bertolini@diario.com.br

Confira em www.diariodsc.com.br as condições de banho nas praias, previsão do tempo e programação cultural na Grande Florianópolis.

Carro-pipa leva água para Brava

O turista que escolheu passar a temporada na Praia Brava, a mais sofisticada do Norte da Ilha, em Florianópolis, onde transitam estrelas de TV e políticos, está precisando deslocar-se em economias para evitar falta de água.

ou atender a região.

O engenheiro da Arquatel, Rodrigo Moreira, disse que a empresa não está conseguindo captar a água necessária para atender à demanda porque "a Brava cresce muito".

"Não temos mais como abastecer"

Nos casos anteriores que tratamos a praia, a água não chega das 10h às 16h, segundo moradores.

- Quando (quando) de tanto, quando há alguma bomba no chão da praia, percebemos que estava sem abastecimento. Podia para o pessoal de casa usar jerrycans, mas ficamos sem - contou Sérgio Vieira, que vive na Brava.

Uma vez, em dezembro, que se aproximava a semana normal da praia, está-se com o carro-pipa para abastecer o abastecimento.

Na Associação Sul, de 80 apartamentos, por exemplo, são utilizados três carros-pipa de 15 mil litros por dia. No Terminal, o primeiro carro-pipa de ontem chegou às 10h.

- Cada carro-pipa custa R\$ 450 e os moradores dividem a conta - disse o zelador.

O abastecimento de todas as casas da Brava é feito pela Arquatel, empresa pública, já que a Casan não tem planos de

Não temos a capacidade no sistema (semipúblico). Se tirarmos mais água do que estamos utilizando, a água do mar vai invadir o sistema - explicou.

A Arquatel abastece a Brava desde 1988. Antes, não havia empresa de abastecimento. Os moradores tinham que ir buscar água do poço e os poucos moradores que tinham sistemas similares.

A Associação de Moradores informou ontem que está discutindo o problema de abastecimento com a prefeitura, a Casan e a Arquatel.

No temporada, segundo a associação, cerca de 9 mil pessoas vivem na Brava. Nos demais meses do ano, a população não passa de 500 pessoas. (R)

Você está enfrentando problemas com abastecimento de água? Responda em www.diariodsc.com.br



DEMANDA: População vive de 500 para 9 mil pessoas

AMBIENTE Entidades comunitárias querem proteção ao Aquífero Ingleses, na Capital

Campo de golfe vira polêmica

JEFFERSON BERTOLINI

Ambientalistas e entidades comunitárias de Florianópolis protestaram ontem no Centro da cidade contra o Costão Golf, empreendimento que terá apartamentos e campo de golfe, por considerar que "irá poluir o Aquífero Ingleses", no Norte da Ilha.

A geógrafa Eliane Westarb, uma das manifestantes, disse que o Aquífero será contaminado por fertilizantes e por agrotóxicos que devem ser usados, respectivamente, para estimular e para manter a grama do campo de golfe.

- Agrotóxicos e fertilizantes contêm nitrato. Nitrato é prejudicial à saúde. Nas crianças de até um ano, o nitrato causa anemia e em outras pessoas pode até causar câncer - argumentou Eliane, que recentemente defendeu tese de mestrado sobre o Aquífero Ingleses.

A engenheira química Cristina Nunes, outra manifestante, disse que o nitrato chegará ao Aquífero pela água da chuva.

- O solo na região é basicamente areia. E a areia sugaria muito rapidamente o nitrato - explicou Cristina, que faz doutorado em Remediação de Águas Subterrâneas.

No protesto, Eliane e Cristina exibiram estudos de especialistas

norte-americanos e portugueses que dizem que "campos de golfe são altamente contaminantes" por levar ao solo químicos (como o nitrato) usados para manter sua grama.

Divulgação de monitoramento de elementos químicos

O Aquífero Ingleses mede 20 quilômetros quadrados e está localizado no Bairro Ingleses, Norte da Ilha. É dele que a Companhia Catarinense de Água e Esgoto (Casas) capta água para moradores de quase todos os bairros da região. A Casas não acredita em contaminação.

A Fundação do Meio Ambiente (Fama) informou que concedeu ao Costão Ville licença ambiental para a construção dos apartamentos e do campo de golfe. Fez, contudo, uma ressalva: o empreendimento precisa fazer e divulgar "monitoramento de elementos químicos".

Ontem, durante o protesto, as manifestantes deram início a um abaixo-assinado, que pretendem entregar à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Itana, Fátima, prefeitura de Florianópolis, Ministério Público e outras entidades do gênero para que "tentem impedir a construção" do empreendimento.

jeffnet.bertolini@bol.com.br



LAZER: Fertilizantes e agrotóxicos são usados na manutenção da grama.

O outro lado

Agrônomo defende que a manutenção correta e profissional beneficia a natureza

O empresário Fernando Marcondes de Mattos, do Costão Golf, informou ontem, através de nota assinada pelo engenheiro agrônomo Ricardo Daniel Aguiar, que "um campo de golfe, através de uma manutenção correta e profissional, beneficia o meio ambiente".

A nota do engenheiro agrônomo cita entre vários motivos: o gramado verde funciona como uma imensa indústria de produção de oxigênio e puro; funciona como um filtro exce-

lente para as chuvas ácidas; diminui a velocidade da água da chuva e com isso reduz o risco de erosão, é fundamental ao esfriamento do solo, favorece a decantação da poluição do solo.

Resaltou que "o campo de golfe é um lugar ideal para preservar o fauna e flora nativas, a tal ponto que pode-se dizer que há várias espécies de animais que desfrutam do campo" e argumentou que "existem ações para se evitar a

contaminação do solo e da água no processo de adubação e controle de pragas do gramado", com o adubo de "liberação lenta" e os defensivos agrícolas de baixa toxicidade.

Por fim, disse que o campo será monitorado por técnicos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O Costão Golf tem licença da Fama e da prefeitura municipal de Florianópolis para ser construído.

TURISMO Ocupação atingiu 77% no primeiro mês

Hotéis esperam lotar no Carnaval

Com o fechamento dos números da última semana de janeiro, o mês registrou uma média geral ponderada de ocupação de 77% incluindo hotéis das praias, do Centro e do Continente na Capital, segundo pesquisa realizada pelo Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Florianópolis.

De acordo com o presidente do Sindicato, Tarcísio Schmitt, considerando cinco dias de "feriadão", a ocupação geral média nos hotéis das praias, Centro e Continente deve girar em torno dos 90% até a próxima terça-feira.

No mês de janeiro, o índice mensal de ocupação foi mais alto nas praias: 83%. O Centro registrou a segunda maior taxa, de 76%, enquanto no Continente 60% das unidades habitacionais estiveram ocupadas em janeiro.

Em relação ao mesmo período do ano passado foi verificada uma queda de dois pontos percentuais.

“

Tarcísio Schmitt,
Presidente do Sindicato dos Hotéis



Muitos visitantes confirmam as reservas na última hora ou chegam sem reserva mesmo

”

- Desde o início do mês vínhamos noticiando essa tendência, que agora se confirmou - diz o presidente do Sindicato, que apesar da ligeira queda, considera o saldo final do mês muito bom, principalmente em relação à ocupação nas praias.

Ainda há vagas para o feriado

Schmitt ressalta que ainda há vagas para o Carnaval.

- Hoje podemos dizer que as reservas sinalizam ocupação de 75%, mas muitos visitantes confirmam na última hora ou chegam sem reserva - explica o hoteleiro.

Um fator que preocupa os hoteleiros, segundo Schmitt, é a queda da

ponte Capivari, na BR-116, em Campina Grande do Sul (PR), que dificulta a vinda de turistas de São Paulo, que representam parte significativa dos visitantes.

- Especialmente por esse ou por outros motivos, são muito raros os estabelecimentos já com lotação esgotada - completa.

Sócios serão indiciados

MICHAEL GONÇALVES

A responsável pela Delegacia de Repressão aos Crimes Contra o Meio Ambiente e Patrimônio Histórico da Polícia Federal (PF), delegada Clarissa Malafaia, afirmou que vai intimar e indiciar os sócios da Agropastoril Castro Ramos, em Florianópolis, para que respondam na Justiça por crimes contra o ambiente.

Eles são acusados pelo Ibama de desmatarem uma área de preservação especial de 550 mil metros quadrados no entorno da Estação Ecológica de Carijós, em Jurerê, Norte da Ilha.

Ontem, segundo o advogado Rodrigo Roberto da Silva, os 14 presos flagrados no corte de mata nativa, na quarta-feira, foram liberados após homologado, pelo juiz Gustavo Dias Barcelos, pedido de liberdade provisória.

Com os funcionários contratados pelos donos da área foram apreendidos três

Onde fica



motosserras e dois tratores. Conforme a delegada, apenas o caseiro manteve o direito de se pronunciar apenas na presença do juiz.

Os outros funcionários foram contratados havia uma semana ou um mês. Alguns sequer sabiam que a área estava embargada.

– Os operários estavam preparando as pastagens para a criação de búfalos. É ilegal porque os animais impedem a regeneração natural da vegetação comendo os brotos e pisando sobre a unidade de conservação – disse a delegada.

Os funcionários foram indiciados pelos crimes ambientais de incendiar área de preservação, destruição de ninhos, danos à unidade de conservação e impedir regeneração natural de florestas. A pena máxima é de cinco anos de reclusão. O Diário Catarinense não conseguiu localizar ontem os proprietários da empresa Agropastoril C. Ramos.

Turismo internacional

A recuperação da economia argentina verificada nos últimos meses tem permitido que Santa Catarina irrigue sua economia com o aporte de divisas trazidas por turistas daquele país. Embora não haja ainda números consolidados acerca da afluência de visitantes provenientes das nações que compõem o Mercosul - há apenas registro de 6.482 estrangeiros que entraram em dezembro passado em Florianópolis, a bordo de ônibus e vans, a aferição pela polícia das placas estrangeiras em Balneário Camboriú e, claro, a percepção geral do comércio -, é inegável que nesta temporada haverá incremento do turismo internacional no Estado. De todo o modo, o que importa no presente caso é que o Estado desenvolva programas que permitam que, a médio prazo, se reduza a dependência a um número restrito de países emissores.

Já deveríamos estar mais do que escaldados quanto aos prejuízos que tal situação pode proporcionar, como aliás os catarinenses verificaram em 2002, quando o número de turistas argentinos ficou nos 113 mil - por conta da virtual quebra da economia argentina -, bem abaixo dos 489 mil registrados no ano anterior.

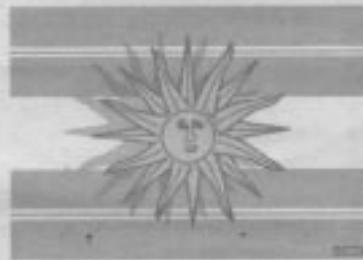
Turismo internacional de excelência pressupõe um aeroporto internacional de grande porte, com pistas capazes de receber aeronaves de longo curso - o que não é o caso de nenhum dos nossos aeroportos -, estradas modernas e seguras, ampla oferta de insumos básicos como água e luz, proficiência em serviços essenciais como a coleta de lixo, cobertura de saneamento básico e segurança. Além de diversificação nas atrações culturais e de

entretenimento. Tudo isso demanda certo tempo de maturação até que a infra-estrutura se torne compatível com os anseios gerais de um turismo de primeiro mundo. É preciso, entretanto, não colocar a carroça adiante dos bois, isto é, as campanhas de divulgação devem levar em conta que, pior do que não cativar o estrangeiro, é captá-lo em demasia, num processo cujo resultado no mais das vezes é o colapso dos serviços.

Por hora, o fundamental é que se consiga o máximo de resultado com o que dispomos. Se a BR-282, corredor preferencial de acesso dos argentinos ao Litoral, continua apresentando problemas sérios, como a precariedade da pista e a sinalização insuficiente, deve-se ao menos assegurar um reforço nas operações de segurança, que vão da orientação preventiva ainda

nos postos de fronteira ao reforço do policiamento. O mesmo se aplica à BR-101, cuja periculosidade é imensa mesmo na baixa temporada, quando é utilizada em grande parte por condutores a ela acostumados.

Quanto às obras de infra-estrutura, vitais para que o Estado eleve seu padrão de atendimento no turismo, presume-se que começarão a ser empreendidas assim que o Banco Interamericano de Desenvolvimento liberar, ainda este ano, recursos de US\$ 100 milhões previstos no Prodetur, um programa criado exatamente para o incremento da infra-estrutura das regiões turísticas. Frise que, no caso catarinense, não só o Litoral deve ser contemplado, pois o Interior do Estado dispõe de um potencial turístico tão expressivo quanto os de praias e balneários já consagrados de SC.



EMPRESA Grupo português anuncia a construção de três supermercados, um deles em Florianópolis

Sonae vai investir R\$ 81 milhões em SC

CLAUDIA MARCELO

O grupo português Sonae Distribuição, dono da marca BIG, vai investir R\$ 31,5 milhões no Santa Mônica Shopping Center, empreendimento do grupo Santa Fé, que começa a ser erguido em fevereiro, em Florianópolis.

De acordo com o diretor administrativo financeiro da Sonae, José Dinis Gonçalves, serão criados 350 empregos diretos e outros 400 indiretos, numa área de venda de 25 mil metros quadrados que inclui previstas mais duas novas lojas este ano em Santa Catarina, mas não estão definidas as locais. A previsão é investir R\$ 50 milhões na abertura de outros empreendimentos.

Uma das cidades prováveis deve ser Lagoa - aguarda o direito financeiro.

Segundo Gonçalves, o projeto de expansão nacional também tem continuidade em 2009.

Emprego garantido para 2,1 mil pessoas

O grupo Sonae tem R\$ 150 milhões para investir no Brasil. A abertura de novas lojas está prevista pela empresa portuguesa, mas ainda não se decidiu em quais estados.

Além de Santa Catarina, a rede BIG está presente no Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

No Estado, tem lojas em Joinville, Florianópolis, Balneário Camboriú e Blumenau, com 2,1 mil colaboradores. No país, são 11,8 mil funcionários.

O grupo Santa Fé, responsável pelo Santa Mônica Shopping Center, atua há 32 anos no ramo da construção civil e no segmento de concessionárias de veículos. A parceria com o Sonae foi acertada há três anos.

claudia.marcelo@diario.com.br

O novo shopping

Investimento	R\$ 110 milhões
Área Bruta Locável (ABL)	25 mil metros quadrados
Lojas áncora	20/20
Operação	self retail
Lojas-satélite	180
Megalônis	70
Hipermercado BIG	1x1
Prça. de alimentação	20 lojas
Estacionamento	capacidade para 1.400 carros

SANTA MÔNICA SHOPPING CENTER - FLORIANÓPOLIS/SC



EXPANSÃO: Rede Big já reserva espaço no novo shopping da Flu

TEMPORADA Empresários esperavam vendas 10% maiores, mas apenas metade disso está sendo realizada

Turista gasta menos que o previsto

VIVIANE ARAÚJO

Os bares e restaurantes do Litoral de SC esperavam um crescimento de 10% nas vendas neste Verão, mas até agora estão tendo que se contentar com apenas 5%. Este foi o resultado registrado no primeiro trimestre de janeiro deste ano em relação ao mesmo período do ano passado.

Os dados foram divulgados ontem pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes. O presidente do Conselho da Abrasel, Celso Salles, disse que o volume de clientes foi o mesmo e que o crescimento só ocorreu porque estão gastando mais. Para ele, isso é uma tendência que vai se manter.

— Cada vez mais visto os turistas de bom poder aquisitivo e haverá queda daqueles com condição financeira inferior — disse.

Apesar de tímido, o crescimento de 5% é considerado bom pelo dirigente, levando-se em conta a realidade da economia do país. Ele disse que os empresários estão satisfeitos, mas não "saltando de alegria". Os melhores resultados são dos restaurantes de padrão superior, alguns até com vendas acima da média. Os demais reclamam da baixa fluxo de vendas.

O maior desafio dos restaurantes nesta temporada, segundo Salles, será repetir os resultados da anterior. Já esse ano, não está

em uma mais curta. Quanto aos resultados de dezembro — que também foram divulgados ontem e apresentaram alta de 15% nas vendas — o empresário afirmou que não se refere ao turismo.

O crescimento deste período é relativo à realização de eventos, principalmente Sãoantão.

Faltam infra-estrutura e mão-de-obra qualificada

Os estabelecimentos consultados pela Abrasel colocaram como maiores dificuldades ao crescimento do negócio a falta de mão-de-obra qualificada e a deficiência de infra-estrutura pública. Por outro lado, verificou-se que são os empresários que investem nessas áreas para ter melhor retorno financeiro.

Empreendedores amadores são os que encontram maiores dificuldades de consultar seus negócios. Os melhores desempenhos são obtidos pelas empresas que investem o ano inteiro em qualidade operacional, infra-estrutura e treinamento de mão-de-obra — disse Salles.

As conclusões da Abrasel foram resultado da consulta realizada a estabelecimentos das cidades de Florianópolis, São José, Garopaba, Imbituba, Lagoinha, Bombinhas, Balneário Camboriú, Barra Velha, Itajaí, e Porto Belo.



VERÃO: Praias lotadas não garantem lucro maior para restaurantes

Saiba mais

A maior quantidade de reservas contra vento de paulistas, segundo de parcerias e gestões

A expectativa é que as vendas na segunda quinzena de janeiro cresçam, já que a chegada dos turistas vindos do Coreia Sul acontece-se após a primeira semana do mês

Em dezembro de 2005, os clientes do restaurante gastaram 20% a mais do que em 2003

A média de gastos chega a R\$ 30 por pessoa

Anexo 2:

Assaltos ao comércio são mais frequentes

Novamente bandidos em motocicletas e encapuzados pelo capacete assaltam comerciantes na região da Baía da Lagoa. Na maioria dos casos a cena se repete. Eles acham em duplas, enquanto o piloto espera o passageiro descer, sem retirar o capacete, aponta uma arma para o funcionário que está no caixa rouba a quantia que for possível. Aproveitando da agilidade no trânsito proporcionada pela moto, fogem sem deixar pistas.

A lista dos estabelecimentos que foram assaltados com as características acima é grande. Supermercado Deca, Padaria Medeiros, Mercado Aldeia, Restaurante Rancho da Jackie. O proprietário de restaurante Júlio Fulkenbach diz que "o pessoal está apontando para vem que será o próximo a ser assaltado." O restaurante dele, localizado no Porto da Lagoa, foi assaltado quando trabalhava no caixa.

O último estabelecimento fechado, até o final desta edição, foi o Supermercado Deca. O esquema foi o mesmo: o motorista espera enquanto o outro desce armado e rouba o dinheiro do caixa. O caixa João Marcelo, 26 anos, sentiu sua vida por um triz. No momento do assalto ele achou que era brincadeira, mas ao perceber que tinha uma arma apontada para a cabeça, ele pediu calma e pensou na família.

A delegada Maria Carolina Opilhar afirma que a Polícia Civil investiga todos os casos, mas reconhece a dificuldade de elucidação dos casos por causa do esquema utilizados pelos bandidos. "As vítimas não pegam o número da placa, nem mesmo a cor da moto. Como eles (os bandidos) vão de capacete, as vítimas não reconhecem o assaltante", declara. Como medida preventiva, a delegada indica que os estabelecimentos instalem sistemas de alarme, fiquem sempre atentos para quem frequenta o local. E sempre que suspeitar, propõe a delegada, acione o 190. Em caso de assalto, tente memorizar o maior número de características, e informar rapidamente a polícia.

Anderson Porto

Jornal da Lagoa, 2ª quinzena de fevereiro de 2005, p 6.

11 O SUL Porto Alegre, segunda-feira, 22 de novembro de 2004

Aumenta em Florianópolis o preconceito contra forasteiros.

Quem chega a Florianópolis pode se deparar com pichações em muros e fachadas nas quais se lê: "Fora, hawái!". A mensagem é dirigida a todos aqueles que vêm de fora morar na Ilha de Santa Catarina. "Hawk" (pronuncia-se riúle) é uma gíria havaiana que designa de forma pejorativa quem não é nativo.

Originalmente usada por surfistas que não gostavam de estranhos pegando as melhores ondas, na capital catarinense a expressão se popularizou e ganhou traços xenófobos. As palavras de ordem também estão em bueiros e, mais raramente, em adesivos de carros e camisetas.

ATRAÍDOS – Trata-se da face mais visível do desconhecimento que uma minoria de "manezinhos da ilha", como são chamados os nativos, expressam contra o intenso fluxo migratório que a cidade recebeu nos últimos anos, embalada pela fama de paraíso de surf e da qualidade de vida. Alguns estão cansados de receber novos moradores e creditam alguns problemas antes inexistentes – como o aumento da criminalidade e o tráfico de drogas – à chegada dos forasteiros.

ABRESIÃO – O mineiro Rodrigo Silva, 32 anos, e seus dois irmãos mais novos tiveram uma demonstração dos extremos do fenômeno poucos meses depois de chegarem a Florianópolis. Os três resolveram participar de uma festa nas imediações da Lagoa da Conceição, um dos principais cartões-postais da cidade. Não sabiam que era uma festa da comunidade local e, para alguns nativos, restrita aos moradores antigos.

"Um sujeito chegou perto e perguntou se éramos 'hawái'. A gente nem sabia direito o que era isso. Logo depois, um deles deu um soco no nariz do meu irmão. Eu revidei e acabei sendo chutado no chão por umas dez pessoas", relata Silva.

A polícia local afirma que casos graves como o de Silva são raros, mas descentendimentos entre os nativos e os "hawái" acontecem com frequência, e aumentaram nos últimos anos com a chegada de moradores de fora. Divergências à parte, em um ponto nativos e "hawái" concordam: ninguém quer sair de Florianópolis. (Gustavo Ventura/AG)



BELEZA e qualidade de vida da ilha (da) atraem grande número de pessoas. Mas forasteiros são vítimas de preconceito.

Suspensas construções e reformas na Lagoa e no Canal Barra

No dia 17 de fevereiro, na 1ª Vara Federal de Florianópolis, aconteceu uma Audiência Pública, onde o Juiz Federal Jurandir Borges Pinheiro determinou a suspensão de todos os processos de licenciamento de construção, ampliação e reforma de edificações de qualquer natureza, na região da Lagoa da Conceição e Canal da Barra, em áreas não servidas por rede coletora de esgoto. Esta determinação vai até a data da próxima audiência, que acontece no dia 7 de abril.

No início da audiência a Ana Lúcia Hartmann, Procuradora da República, propôs que fossem suspensos todos os alvarás de construções, já que ela acredita ser necessário no mínimo 6 meses de estudos para verificar os impactos ambientais na orla da Lagoa. O Procurador Geral do Município de Florianópolis, Jaime de Souza, no entanto, disse que o Prefeito Dário Berger não poderia tomar uma decisão desta natureza, pois estaria descumprindo as leis determinadas pelo Plano Diretor da Cidade. Ele afirmou que o município irá reforçar a fiscalização, para que não aconteça mais nenhuma irregularidade que afronte o Plano Diretor. Todos os presentes à Audiência, entretanto, lembraram que estas normas são burladas cotidianamente, o que tornaria inócua esta atitude da Prefeitura. O Procurador do Município, por sua vez, garantiu que na gestão de Dário Berger estas irregularidades não aconteceriam, já que a intenção é aplicar com bastante rigor o Plano Diretor vigente, o que, segundo ele, resolveria boa parte do problema.

O vereador Xande Fontes sugeriu, depois de ouvir alguns dados da CASAN, que fosse adotado uma medida apenas em relação às construções não alcançadas pela rede coletora de esgoto. "Não havendo ligação com a rede de esgoto, não libera Alvará" falou o vereador. Outra preocupação de Fontes era a de que haja uma fiscalização verdadeira e responsável por parte do Município, já que alvarás são liberados de forma negligente. Alésio dos Passos Santos, Secretário do Comitê de



Entidades da Lagoa participaram ativamente da audiência

Gerenciamento da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição, reforçou a ideia de que a paralisação das obras por um período iria ajudar o Município a fazer os levantamentos necessários para que não houvesse mais irregularidades na Lagoa. "Essa parada é para fazer a fiscalização", disse Alésio.

O Juiz exigiu que a CASAN, no prazo de 30 dias, faça um levantamento sobre as tecnologias de tratamento individual de esgoto, aptas ao atendimento do percentual mínimo de eficiência acordado, que é de 90 % segundo a exigência de concessão de alvarás para construção, para assegurar que essas construções não se tornem poluentes.

Por parte do Procurador Geral do Município ficou prometida a rigorosa fiscalização, aliado a entidades como a FLORAM e SUSP, além de ainda promover um encontro do Prefeito Dário Berger com a Comunidade da Lagoa.

Outra proposta sugerida pelas autoridades e entidades ligadas à Comunidade da Lagoa foi a de haver alguma forma de conscientização da sociedade para o problema da poluição, através de WorkShops, distribuição de panfletos, palestras e reuniões periódicas, pois esta devido a construções irregulares ou mal dimensionadas, além de estimular os moradores a fazer

denúncias sempre que saibam de alguma transgressão das leis contidas no Plano Diretor, seguindo as normas de construção. "Trabalhar a sociedade de forma educativa para que sensibilizem as pessoas", sugeriu Maurício Blazi, Presidente da ACIF/Lagoa (Associação Comercial e Industrial de Florianópolis, seccional Lagoa), assim fazendo com que diminuam os impactos ambientais na Lagoa da

Conceição.

Hoje, mais de 35 mil pessoas moram na Bacia da Lagoa, sendo que a rede coletora tem capacidade para atender até 5 mil moradores. Embora existam as iniciativas de ampliar esta rede de coleta e tratamento, mesmo assim muitas áreas continuariam não sendo assistidas. A proposta, acordada na Audiência Pública, é a de que a CASAN apresente soluções possíveis para o tratamento dos efluentes de residências individuais, tratamento este que deveria ter uma eficiência de no mínimo 90%, lembrando que as caixas de gordura e fossas sépticas atuais têm uma eficiência de, no máximo, 40%. A ideia é que surjam soluções a custo acessível, como pequenas estações de tratamento que serviriam várias casas, onde o custo seria rateado entre todos, tornando o custo final semelhante ao das atuais e ineficientes fossas sépticas.



População deve fiscalizar atitudes enganosas

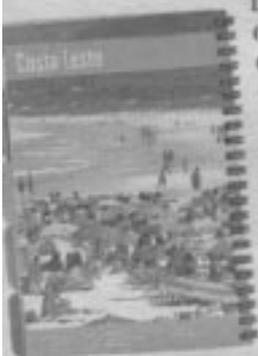
lançamento

Para não se perder



Guia traz dicas de Florianópolis

Florianópolis tem 42 opções de praias e incontáveis de gastronomia. Quem desembarca de férias ou para um final de semana na capital catarinense enfrenta o dilema de escolher o que comer e aonde ir. Para ajudar na organização da viagem, a RBS Publicações e o jornal Diário Catarinense estão lançando este mês o guia *Viver Floripa*, um material completo para descobrir as atrações de um dos principais destinos do país.



Em formato de agenda, em espiral e colorido, o guia tem informações sobre as atrações (praias, passeios, eventos, atividades esportivas, lazer, compras), serviços (hospedagem, alimentação) e infraestrutura (acessos rodoviários, rodovias internas de acesso às praias, postos de informação turística, postos bancários,

segurança), além de mapas. O guia é dividido em cinco seções: Centro, Costa Norte, Costa Leste, Costa Sul e Continente.

Bares e restaurantes da moda ou com pratos típicos que devem ser experimentados estão relacionados no guia. Para cada um, é dedicado um espaço sobre o ambiente e a indicação dos pratos que se destacam no cardápio.

O QUE: *Viver Floripa*, RBS Publicações, 96 páginas

COMO: os assinantes de Zero Hora devem autorizar o pagamento por débito em conta corrente ou cartão de crédito, ligando grátis para 0800-0513323 ou acessando o site www.zh.clicrbs.com.br/assinaturas. O valor exclusivo para assinantes é de R\$ 12,90. A entrega será feita em até 15 dias após o pagamento. O guia pode ser encontrado em livrarias pelo preço de R\$ 14,90.

AGENDE-SE

Zero Hora, 2º Caderno, p. 03

"O maior problema de Florianópolis hoje é o seu crescimento desordenado. Buscar o equilíbrio entre o crescimento da cidade e a proteção do meio ambiente é nosso grande desafio"

Começa uma nova era

Em 2005, Florianópolis comemora seus 279 anos sob nova administração. Após oito anos sob a gestão da ex-prefeita Angela Azeite, a cidade elegerá, no segundo turno, seu atual prefeito, Dário Berger. Com o aval de uma boa sucedida administração frente à prefeitura de São José, onde os índices de aprovação, no último ano de mandato, chegaram próximos a 90%. Dário diz que seu compromisso é com os resultados.

No dia do aniversário de Florianópolis, o prefeito fala da satisfação de poder administrar a Capital do Estado, da atual situação da Prefeitura, dos desafios que o aguardam e dos planos e projetos para seu governo. Apesar de uma modernização administrativa e revitalização do Continente e alerta para a importância de um projeto social para Florianópolis.

De que forma Florianópolis comemora seus 279 anos?

Dário Berger - Florianópolis recebe, no último dia 20, uma administração diferente, jovem, responsável, dinâmica, séria e de portas abertas. Já começamos a perceber as coisas diferentes nas ruas da cidade, o que é fundamental para o desenvolvimento da relação entre a Prefeitura Municipal e a sociedade.

Nosso compromisso é com a modernização administrativa para a prestação de melhores serviços e com o cidadão florianopolitano, nosso cliente. Nos da iniciativa privada e meu modelo de gestão tem esse mesmo clima. Sou ligado aos resultados. Dentro de quatro ou cinco meses, através de parcerias com o Governo do Estado, devemos começar a colocar em prática alguns dos projetos que já estão prontos e que são prioritários.

Quais os pontos fortes e fracos da cidade hoje?

Berger - Sem dúvida, entre os pontos fortes da cidade estão suas belezas naturais e a atração que ela exerce sobre aqueles que vêm de fora. A qualidade de vida conquistada, apesar do aumento da violência e do empobrecimento da cidade e seus bolsões de pobreza. A maneira como o povo, de origem açoriana, diversificou-se ao longo de sua história, enriqueceu muito a nossa cultura e nossas tradições, tornando-se um fator muito positivo.

Porém, hoje, o maior problema de Flo-



Foto: Luiz Constantino

rianópolis é o seu crescimento desordenado, por isso, buscar o equilíbrio entre o crescimento da cidade e a proteção do meio ambiente é nosso grande desafio.

Atualmente, o município está dividido em duas cidades. Uma é a legal, que tem a Avenida Beira-mar e é dinâmica. A outra é a cidade ilegal, que não é vista normal-

mente. Berger - Admito que o que está feito, está feito. Já permitimos que a cidade crescesse da maneira como cresceu e isso é uma realidade. De ela existe, precisa ser consolidada através de uma política de controle, que prevê regras e o cumprimento dos planos diretores.

Vamos legalizar, urbanizar e humanizar as áreas já ocupadas, levando equipamentos sociais. Como deverá acontecer numa pequena área verde, localizada na copa do morro do Morro da Cruz, que pretendemos transformar num parque ambiental para que ninguém possa avançar sobre ela.

O período frente à Prefeitura de São José foi marcado por obras de infra-estrutura. Florianópolis também precisa das mesmas coisas?

Berger - O que o Capital precisa hoje, com urgência, é de um projeto social que restitua a auto-estima e o orgulho das pessoas que foram deixadas de lado. A estrutura da que deve ser feita nas comunidades mais carentes inclui pavimentação de ruas, ampliação do número de creches, áreas de lazer, escolas em período integral e a construção de unidades de reabilitação.

Mas a cidade também precisa crescer no seu contexto urbano e algumas obras são fundamentais. Construir a ligação entre a Beira-mar de São José e Florianópolis é, sem dúvida, uma delas, já que os municípios são interdependentes. A Beira-mar Continental, que já tem projeto e recursos garantidos, só precisa da força ambiental para sair do papel. O ano-vitório de Florianópolis, que passa pela rua Dep. João Antônio da Vieira, no Pantanal, também deve ser concluído. Além disso, já estão em andamento algumas obras como a que liga o Centro ao município de São José, através da rua João Pedro Pinheiro.

Dentro de um ano, devemos começar a pensar na execução de obras como a da passarela subterrânea que irá ligar o terminal do Centro ao Mercado Público?

Berger - O que pode ser feito para combater o aumento dos bolsões de pobreza e garantir o desenvolvimento sustentável de Florianópolis?

passarela subterrânea que irá ligar o terminal do Centro ao Mercado Público. De elevados do Itacorubi, do trecho em frente às Casas D'água, ao Centro, e da região de Capoeiras também. No mesmo período, deve ser iniciada a duplicação da SC-405, que liga a Coqueira ao Rio Tavares.

Seguirá para a operação Tapete Verde, que irá pavimentar as ruas de comunidades carentes da Capital, o projeto preliminar da Prefeitura estima investir cerca de R\$ 20 milhões. A construção de um novo Centro Administrativo e a revitalização dos bairros de Casagrande e Ingleses e do Continente, também estão em nossos planos. Assim, como ligar Coqueiras ao Morro do Gerônimo, através da construção de um túnel na altura do Itapocica, na Avenida Ivo Silveira.

Mas, para isso, devemos levar em consideração as limitações orçamentárias da Prefeitura e estabelecer prioridades.

Muitas das obras citadas serão realizadas no Continente. Estruturar e revitalizar esta região será uma das preocupações da sua administração?

Berger - O Centro foi o centro essencial do controle por várias décadas em Florianópolis. Mas, com o crescimento de São José e a falta de estrutura, como urbanizadamente, esta região passou por um declínio muito grande durante os anos 90. Nosso plano urbanístico prevê reorganizar a história, a cultura e a construção dessa região, que precisa ser revitalizada.

Qual a situação do caixa da Prefeitura?

Berger - A Prefeitura de Florianópolis está passando por um período difícil, onde podem ser apreciadas três realidades. A primeira é um enorme crescimento, que apresenta uma ineficiência de caixa em torno de R\$ 61 milhões. Tem o melhor cenário, porque existe um déficit com a Concep, por exemplo, que é uma dívida entre órgãos e que não será perdoadada. Assim, a segunda realidade, que inclui estas dívidas, sobe para R\$ 81 milhões. Hoje, além da Concep, a Prefeitura deve para a Citim, Ipav, Ince, S'elec e o Fundo Previdenciário. Se incluirmos a dívida com o Governo do Estado esta realidade aumenta ainda mais e chega próximo a R\$ 100 milhões. Por isso, neste momento o que estamos fazendo é buscando uma maneira de combater esta fase ruim, buscar todos os compromissos e dar certeza de aquilo que nos propomos.



"Neste em Capicóris e nesse praia mais próxima era a do Bom Abrigo. Mas lá dentro, no momento de festa pública, sempre houve Sardinha! que deve ter sido a primeira vez em tanto dias três meses, não mais. Chegou no caminho das praças do rio, mas não tinha por aqui! Quando estava para Florianópolis, Sardinha foi a opção natural. Tem sempre gosto simples, porém tem gosto e paixão que crescem sem que ninguém se dê conta. Resumindo, o certo, estrado de óleo por cozinhar. É a melhor praia do sul da ilha sem dúvida. Te do rio de frente para o porto Hércules Lur!"

Flávio Lamas, cinema



Bem-estar social

Levantamento realizado pela prefeitura revela bolsões de pobreza e indica soluções para problema que vem crescendo a cada ano

Controle para migração

A reestruturação realizada pelo município das áreas ocupadas ilegalmente e dos bolsões de pobreza formados em Florianópolis são as principais preocupações da Secretaria da Criança, Adolescente, Idoso, Família e Desenvolvimento Social. De acordo com Rosemary Braga, secretária e primeira dama do município, o atendimento a estas famílias deverá ser iniciado nos próximos meses e terá como base um levantamento realizado junto as comunidades carentes.

"Entendemos a gravidade das questões que ocorrem nos últimos anos e do número cada vez maior de pessoas que vêm a Florianópolis trazer uma vida melhor, por isso nosso objetivo é dar atendimento às famílias que já estão na cidade e facilitar a chegada de novos migrantes", diz Rosa.

O controle deverá ser feito pelas Guardas Municipal e Polícia Militar, com a ajuda da equipe do Programa de Abolição, que faz a conscientização e encaminhamento dos moradores de rua e pessoas que trabalham nas vias públicas. O Núcleo de Atendimento Familiar (NAF) também fará a triagem dessas famílias, encaminhando-as aos rodoviários, portal turístico e ruas suas. "A partir de alguns questionamentos, essas famílias receberão a orientação necessária", afirma.

Também será feito um trabalho de



Bolsões de pobreza são alvo de programas sociais

conscientização junto à comunidade para que os moradores também sejam fiscalizados e não permitam que a área onde moram seja ainda mais invadida.

MANTENHA O CONTATO
Por causa de problemas, como a falta

de água e saneamento em Santa Catarina e outros estados, citados como Florianópolis, São José, Ribeirão Preto e Itabira estão recebendo famílias em busca de trabalho.

Segundo Rosa, este é um problema sério e que pode vir a agravar-se futuramente se não for feito um trabalho de controle em conjunto com a iniciativa privada e os poderes públicos. "Para avaliar a gravidade da situação basta ir até as comunidades e observar o aumento da violência e a falta de empregos".

De acordo com o levantamento da Prefeitura, o bairro da Serra da Cruz, Sul da Ilha, favela do Sul, Ingleses e o trecho localizado na calçada de Casuarina, entre as comunidades de assentamento e que requerem um trabalho mais amplo.

No Continente, também foram apontadas as favelas Chico Mendes, Vila Aparecida e Monte da Cruz. "As famílias foram apontadas 16 comunidades carentes que precisam de creches, escolas, postos de saúde, áreas de lazer, melhoria de saneamento básico, ruas asfaltadas e preservação do meio ambiente", diz. As melhorias deverão ser feitas de acordo com as necessidades de cada comunidade.

CRANES E ACESSÍVEIS

Além dos programas que já existem, a secretaria pretende realizar um trabalho sério de abolição de comunidades e um programa de educação de trabalho infantil. "Sempre motivados pela ideia de que devemos ter escolas que abriguem essas crianças em período integral e que além, se necessário, uma qualificação profissional, através de cooperativas ou trabalhos sociais", afirma a secretária.

O local onde funciona o Complexo da Criança e atende cerca de 180 crianças

está sendo reestruturado e vai abrigar o chamado Clube da Criança de Florianópolis com capacidade para aproximadamente 100 crianças.

TERRAS Sãs

A equipe da Secretaria da Criança, Adolescente, Idoso, Família e Desenvolvimento Social já reuniu-se com os responsáveis dos quase 100 grupos de idosos da Capital e traçou metas de trabalho para 2003. "Este ano será entregue a parceria com o Conselho de Idosos a todos os cadastros", garante Rosa. Também serão realizados em parceria os programas Lanche para a Terceira Idade e Interação Lanche para a Terceira Idade e Interação Social, que deverá integrar os grupos da Capital e de outras cidades.

Em maio e agosto, serão previstas programações especiais para o Dia das Mães e dos Pais, respectivamente. Além do Festival de Talentos Musicais da Terceira Idade, que deve acontecer em 1º de Maio.

Além esse ano, será criada a Associação de Voluntários da Terceira Idade, para dar respaldo às ações que estão sendo planejadas pela Secretaria e fechadas parcerias com o Conselho Municipal da Idade para o melhor atendimento de saúde dos idosos de Florianópolis.

Assim como a criação da Cidade da Criança, também está prevista a construção da primeira Centro de Convivência da Terceira Idade, posteriormente aos Ingleses. Outra novidade será o Centro-Dia da Terceira Idade no Bairro Florential, com espaço para acolher, de terça à sexta-feira, um ou dois grupos de idosos. "Essas serão iniciativas possíveis e de prática diversas atividades e depois serão levadas ao seu local de origem", diz Rosa.

Trabalho sério

As atividades da Secretaria também prevêem o atendimento a pessoas que necessitam de exames médicos, odontológicos, medicamentos, alimentação e cursos profissionalizantes e não têm condições de arcar com esses custos. "Através do atendimento às crianças, aos adolescentes e idosos, nosso compromisso é com a cidadania social e a melhoria da qualidade de vida das pessoas que não têm recursos", diz Rosa.



Rosemary Braga

FLORIANÓPOLIS, UM SONHO DE CIDADE. É BOM ACORDAR AQUI!



www.diskcolchoes.com.br
Capicóris - Bairro Sardinha - 348.9578
Bairro Lur - Lombo Verde - 348.1168



Maresia

Marcos Espindola
(marcos.espindola@diario.com.br)
(48) 216-2951

Medo e delírio na Ilha

Seio, sol, calipê e "boa noite cinderela" foi muito mais do que espavam dois intrépidos turistas franceses, que aterrissaram na Capital em busca de um verão de Verão e voltaram para o frio de Paris com saudades e algumas garrafas de caçaça na bagagem.

Amararam as praias do Sul e relaxaram as do Norte — que, na vida deles, estão mais para o "desmoldado" balneário de Acapulco (México) do que para um paraíso.

Tua a dupla, selou mais pessoas cinco quilômetros de trilha em Naufragados para achar um bar do que beber as montanhas de Juvê Intercontinental.

— Polares, alguns americanizados... —

Introu Jacques, veterano ator de teatro. Os franceses foram surpreendidos pela espontaneidade e solidariedade dos nati-

vos, que rão esquenta com o clima para eritender e serem estodados. Ficaram amados em tudo quanto é ônibus e boteco. Como disse o fiscal de tributos Thierry:

— Oi, calipêinha, calipêinha e calipêinha! Adoram o refrigerante drinque brasileiro — média de cinco por dia —, os bordô, o barato natural, a Praia da Gafeta e, claro, o balado underground, ainda que na antevéspera da sua partida quase se deram mal numa insuazida e mal-intencionada mistura fastidiosa de "boa noite cinderela". Foram salvos pelo gongo e, mais uma vez, por uma boa alma nativa.

Não se sabe se encontraram o sonho de Verão, mas, como disse Raul Seixas, "a gente agrada a Deus, fazendo o que o diabo gosta".

Au revoir!



BRUNO MAGALHÃES/REUTERS

As tardes de sábado estão de joio que o "diabo gosta", em frente ao Tailô. Ao lado, Graziela Godinho dando um confere no bronzeado

Atalho dispendioso

Cinco de Verão em Florianópolis. No fevor da temporada, acessar a Praia Mole nos dias de pico sem enfrentar engarrafamentos no trajeto via Lagoa da Conceição só mesmo pelo Rio Vermelho, atalho do Norte da Ilha. A diferença é que, por esse "atalho", o percurso aumenta em pelo menos 20 quilômetros, porém o tempo gasto acaba sendo decisivamente inferior. Entretanto, a gasolina...



BRUNO MAGALHÃES/REUTERS

Bruna Dutra, admirando o quanto a natureza lhe foi gentil



BRUNO MAGALHÃES/REUTERS

Michelle Franzoni. Demais!



BRUNO MAGALHÃES/REUTERS

Bruna Koerich disputa com o sol quem brilha mais!



Mais uma estrela na constelação do Tailô: Nayale Buarfina

Se melhorar, estraga

Dias perfeitos fazem a festa dos frequentadores do Pier Vivo by DC

FOTOS: DAISY NEVES/RS

DIALMA CORRÊA PACHECO

Mar limpo, sol de doerter asfalto,chuva sem nenhuma nuvem e muita gente bonita. Esta vem sendo a tónica do Pier Vivo by DC, no restaurante Takô, em Jurerê Internacional, um dos pontos mais badalados do Verão na Ilha de Itajaí.

Nos últimos dias, com a colaboração de São Pedro, que tem mandado um tempo perfeito para os turistas que estão em Florianópolis curtindo a estação mais alegre do ano, a faixa de areia em frente ao Takô ficou pequena para a quantidade de belas mulheres, que se alternam entre a sombra dos guarda-sóis e o sol no bronzeado.

— Isso aqui está muito interessante — comenta a italiana Regina Oliveira, que está curtindo as atrações da ilha com a filha Conceição e o filho Iuri. — Estamos suspensas e encantadas com a beleza e o astral de Santa Catarina — comenta ela, com o insuperável sobressair das temas do Senhor do Bonfim.

Também de outro Estado, só que Marjory Wozniaki desfruta sua beleza logo pelas áreas quentes de Jurerê na manhã do último sábado. Ao lado das amigas Isabela Schmidt e Juliana Prestes, Marjory esbanja simpatia circulando com desenvoltura e elegância pelo Takô.

Enquanto alguns tratam de se refrescar nas vendas águas do mar, outros aproveitam para hidratar pele e cabelos no Espaço Beauty, um salão de beleza montado no deck pela Francis Hydatta.

Uma massagem também faz parte do tratamento, que relaxa o corpo e a mente para mais um dia intenso de sol e mar. Ao lado, uma seção de shiatsu ajuda a completar o tratamento estético/clarante oferecido pelo Pier Vivo by DC.



Carol Lunardi



Gabriela Lopes Camargo



Massagem deixa o corpo pronto para outra



Marjory Wozniak, Isabela Schmidt e Juliana



Nicolle Parucker



Patricia Pavel e Camila Freitas



Juliana Barbarini



Emerson Pinto e Fabiane Koch

carRBS www.circo.com.br/peric

Programação

O que é

O Pier Vivo by DC é um projeto realizado em conjunto entre a Vivo, DC e o restaurante Takô, localizado na Praia de Jurerê Internacional. A iniciativa tem o patrocínio dos Condomínios Inteligentes e o apoio da Francis Hydatta. Uma diversificada programação foi elaborada para

atender a todos que passarem pelo Pier neste Verão, seja antes, durante ou depois de praia. Na programação, além de logs, massagem, ginástica, serviços de spa e Djs. Confira:

Diariamente

11h45min - Abertura do bar
9h - Ginástica na praia com ins-

trutores da Academia Fernando Schen

10h - Shitsu Express, e massagem oriental realizada pela equipe de Mikko Kohida
18h30min - logs em frente ao Takô.

Somente sábados e domingos
11h30min - Espaço Grill - Espe-

ço reservado para quem quiser preparar assados na churrascaria do Takô. É necessário fazer reserva com antecedência através do telefone (48) 238-9333.

14h - Djs e Acústicos - Nas tardes dos finais de semana, Djs no deck do restaurante e música ao vivo embalam os clientes do restaurante Takô.

Como chegar

Siga em direção ao Norte da Ilha pelo SC-401 até o trevo de Jurerê e então pegue a SC-402 (Rodovia Maurício Strótzky Schirrhof) até o quilômetro 7, no trevo de acesso às praias de Jurerê Internacional e Daniela. O restaurante Takô está localizado no final da Avenida de Lagartin.



FOTO: MARCELO MACHADO/VEZ

Canal da tradição

Ar de comunidade pesqueira da Barra da Lagoa inspira turistas de todas as latitudes

DEBORA SANCHES

A Barra da Lagoa é um dos redutos de pescadores mais tradicionais de Florianópolis. Apesar do pesca artesanal não muito relevante para a economia local, é ela que empresta o charme de comunidade pesqueira ao lugar.

É justamente essa peculiaridade que atrai muitos turistas, como o americano Jeff Storan. Em visita ao Brasil pela primeira vez, ele resolveu começar sua viagem por Florianópolis e parou na Barra da Lagoa por indicação de uma amiga brasileira.

— Cuidá falar muito bem sobre local e fiquei curioso quando me disseram que esta era uma comunidade tradicional. Gosto de

lugares pitorescos e a Barra é um dos mais interessantes que já visitei — afirma Storan.

A originalidade da Barra da Lagoa não está somente na preservação dos costumes. Se não fosse o canal que faz a ligação entre a Lagoa da Conceição e o mar, boa parte da singularidade do lugar estaria perdida. É no canal que ficam ancorados os barcos da pesca e outros tipos de passeio.

Ante a realidade não há para nada, alguns para andar de caiaque ou então mergulhar. O canal é ponto de partida e chegada das embarcações que passam o dia em alto-mar. Também sobre ele está instalado uma das mais interessantes atrações da Barra: uma ponte pênel.

A instabilidade desse ponto, que faz a ligação entre os dois lados da comunidade, não chega a ser um desafio para quem se

propõe atravessá-la. O único problema é que no verão o tráfego fica congestionado, com mais de vinte pessoas cruzando o caminho ao mesmo tempo, quando a recomendação é metade disso.

Resta dizer que a Barra da Lagoa também tem praia. E não é uma só. A Praia da Barra e a Praia (localizada do outro lado do canal) são duas das mais populares entre os moradores de Florianópolis.

Mas não espere encontrar apenas o linguajar marcenário. Para estas graças vai gente de todas as cores e etnias. É o caso do artista plástico curilbano Erlan Sznajg. Sempre que pode, ele vem à Florianópolis em busca de inspiração para suas pinturas abstratas.

— A Barra da Lagoa é o lugar mais surreal que eu conheço — sentencia o artista.

Como chegar



De carro: A Barra da Lagoa fica a 20 quilômetros do Centro de Florianópolis. Para se chegar ao local é preciso ir até a Lagoa da Conceição, atravessar toda a Avenida dos Bandeirantes e seguir até o final da Rodovia Manoel de Medeiros logo para em frente à praia Moisés. A entrada para a Barra fica na primeira rua à direita após a ponte sobre o Canal da Barra.

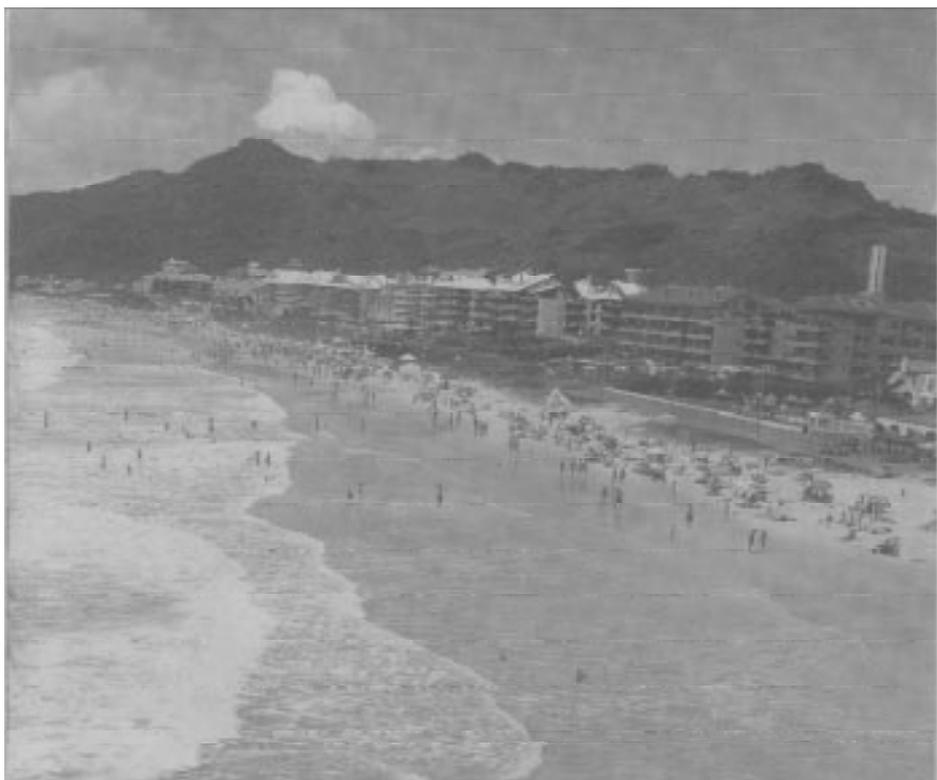
De ônibus: A empresa Transol possui linhas regulares até a Barra da Lagoa com paradas nos terminais do Centro (Ticm) e da Trindade (Ttr). A passagem é R\$ 2,30. Também há saída do terminal da Lagoa da Conceição a R\$ 1,60. Quem embarca no Centro ou na Trindade deve tocar de ônibus no terminal da Lagoa (Tlág), sem pagar nova passagem. Informação: Museu de Transportes da Prefeitura (48) 324-7214 ou 324-1513.



Ponte pênel fica congestionada na alta temporada



Mar bravo não assusta as banhistas



Praia com estilo

Juventude dourada da Brava lança modas e tendências que depois se disseminam pela Ilha

Como chegar



De carro: do Centro de Florianópolis, siga pela SC-401 (passa às praias do Norte da Capital) e, em Canasvieiras, vire à direita em direção à Cachoeira do Bonitinho e à Ponta das Canas. Antes de chegar à praia, vire de novo à direita e siga pela Avenida Eurico Dittencourt, que dá acesso à Praia Brava.

De ônibus: saia do Terminal de Integração do Centro (TICen), pegue a linha Canasvieiras até o Terminal de Integração de Canasvieiras (TICen) de lá, use a linha Praia Brava. A tarifa custa R\$ 2,75. Existem também os microônibus "amarelinhos". São feitos e circulam entre o Porto das Canas, para perto do Centro de Florianópolis e volta à Ponta das Canas, passando pela Brava. A tarifa custa R\$ 4,50.



DEDORA SANCHES

Por muito tempo o transporte coletivo não chegava à Praia Brava, no Norte da Ilha de Santa Catarina. Não por causa do acesso, que é arborizado e bem sinalizado, e sim por uma questão de rentabilidade. Hoje, é possível ir até lá de ônibus, mas é preciso abrir mão de R\$ 2,75 para encostar na areia de 50 minutos de viagem do Centro até a praia.

Quem quer chegar mais rápido vai de carro ou então de bicicleta, os microônibus amarelinhos – e aí a passagem só custa R\$ 4,50. Estacionar próximo da praia custa entre R\$ 5 e R\$ 10, já que as vagas gratuitas são escassas.

Alugar um apartamento de três quartos com vista para o mar pode sair por até R\$ 1 mil a diária e uma refeição simples para duas pessoas alcança os R\$ 50. Fácil, fácil. É aí que o comércio entra em cena: também

encontro-se emilientos que vendem até pipoca à feira-livre.

As coisas não assustam quem frequenta um dos resorts quadrados mais caros de Florianópolis. Afinal, os altos valores fazem parte do estilo de vida de quem tem a Brava como residência no Verão. A praia é repleta de distribuidores de geladas com barbearias, além de figuras importantes do esporte, da economia e da política regional.

Mas não são só os vilões que fazem a fama da Brava. A praia é igualmente bonita, cercada por colinas cobertas de vegetação nativa e banhada por um mar agitado, ao contrário da mansidão das outras praias da região.

Outro atrativo é a juventude, saudável e dourada, que invade a areia durante a temporada. Modelos e aspirantes às passarelas passam, obrigatoriamente, por lá. Essa frequência é responsável pelo lançamento de modas que depois se disseminam pelo resto da Ilha – como aqui com tênis, pingue-pongue e salgueiro no bonfocelo.



Anexo 5:

Principais mercados emissores de turistas nacionais:

ESTADO	2003	2004	2005
RIO GRANDE DO SUL	40,96%	34,97%	42,71%
SÃO PAULO	19,31%	24,45%	14,82%
PARANÁ	13,17%	18,44%	11,76%
SANTA CATARINA	7,70%	4,51%	13,76%
RIO DE JANEIRO	5,92%	5,31%	5,88%

fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

Principais mercados emissores de turistas estrangeiros:

PAÍS	2003	2004	2005
ARGENTINA	70,38%	72,12%	76,99%
URUGUAI	8,71%	6,06%	7,96%
PARAGUAI	8,01%	5,45%	3,54%
CHILE	4,88%	4,85%	3,10%

fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

Motivo da viagem:

MOTIVO	2003	2004	2005
TURISMO	91,25%	94,27%	92,34%
NEGÓCIOS	8,75%	5,73%	7,66%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%

fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

Veículo de propaganda que influenciou na viagem

VEÍCULO	2003	2004	2005
FOLHETO, FOLDER, CARTAZ, ETC.	5,91%	9,62%	10,50%
REVISTA	8,13%	8,36%	5,36%
JORNAL	3,17%	8,44%	5,29%
RÁDIO	0,86%	2,13%	1,53%
TELEVISÃO	5,57%	10,80%	7,36%
FILME	0,34%	0,87%	0,31%
INTERNET	6,59%	0,55%	14,64%
AMIGOS OU PARENTES	69,43%	59,23%	55,01%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%

fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

Principais atrativos turísticos:

ATRATIVOS	2003	2004	2005
ATRATIVOS NATURAIS	71,60%	73,96%	73,52%
ATRATIVOS HIST. CULTURAIS	6,14%	3,87%	5,39%
MANIFESTAÇÕES POPULARES	0,22%	0,37%	0,91%
EVENTOS	3,03%	2,23%	2,58%
VISITA A AMIGOS/PARENTES	18,50%	19,27%	16,77%
TRATAMENTO DE SAÚDE	0,51%	0,30%	0,83%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%

fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

Anexo 6:

Reprovado mergulho em 54 locais

A Fundação do Meio Ambiente (Fatma) divulgou ontem o relatório de balneabilidade do Litoral catarinense.

O novo levantamento mostra 54 pontos considerados impróprios para o banho - isto é, contaminados por esgotos domésticos - contra os 59 registrados na análise anterior.

A pesquisa de balneabilidade começa com a coleta de amostras da água do mar em mais de 180 pontos dos 500 quilômetros da costa catarinense. Confira quais são os locais impróprios:

- Arroio do Silva
Praia do Arroio do Silva, na foz do Arroio do Silva
- Balneário Gaivota
Arroio da Praia das Gaivotas, sob a ponte de concreto na entrada da praia
- Balneário Camboriú
Lagoa de Taquaras
Pontal Norte
- Barra Velha
Lagoa da Barra Velha, na Rua Santa Catarina, próximo do nº 336
Frente ao Salva Vidas
- Bombinhas
Praia de Bombinhas, em frente à Câmara Municipal
- Florianópolis
Lagoa da Conceição, nos trapiches dos serviços de transportes, ao lado do posto de saúde e na Rua Osni Ortiga, nº 2.267
Praia Brava, no riacho
Praia da Armação do Pântano do Sul, na foz do Rio Sangradouro
Praia da Beira-Mar Norte, em frente ao monumento da PM
Praia do Caiacangaçu, na altura do nº 12.820 da estrada geral do Ribeirão
Praia da Daniela, em frente à Rua dos Cactos
Praia das Palmeiras, no meio da praia
Praia de Jurerê, em frente à Rua Luis Rampa e em frente à Rua das Moréias
Praia de Jurerê Internacional, em frente à Avenida dos Salmões
Praia de Ponta das Canas, na estrada geral, nº 5.281, à direita da Rua Alcina Jannis e em frente à servidão Paraíso das Flores

Praia do Balneário, em frente à Rua José Cândido da Silva
Praia do Bom Abrigo, em frente à Rua Teófilo Almeida
Praia de Cacupé, no meio da praia
Praia do Jardim Atlântico, em frente à Rua Elesbão Pinto da Luz
Praia do José Mendes, no meio da praia
Praia do Matadeiro, em frente à Rua Belmira Isabel Martins
Praia do Meio, no meio da praia
Praia dos Ingleses, à direita do Rio Capivari, em frente ao salva-vidas e em frente à rua do Siri
- Governador Celso Ramos
Praia da Armação da Piedade, no meio da praia
- Içara
Praia do Rincão, no Arroio da Praia
- Itajaí
Praia Brava, em frente à saída da Lagoa
- Itapema
Praia de Itapema, à direita do Rio Bela Cruz e em frente às Ruas 113, 205, 227, 319 e à direita do Rio Bela Cruz
- Navegantes
Praia de Navegantes, foz do Rio Gravatá, em frente à Rua 8.150 e em frente à Rua 7.000
- Penha
Praia Alegre, Foz do Rio Piçarras
Praia da Armação do Itapocorói, em frente às Ruas Fortaleza e Maria Emília Costa
Praia de São Miguel, em frente à rua principal
Praia Vermelha, em frente à rua principal de acesso
- Porto Belo
Praia de Perequê, em frente à foz do Rio Perequezinho e em frente à Rua Almirante Fonseca Neves
Praia de Porto Belo, em frente às Ruas João Guerreiro e João Climaco
- São José
Balneário Guararema, canto esquerdo da praia
- São Francisco do Sul
Praia dos Ingleses, à direita do trapiche

Fatma aponta locais impróprios ao banho

Relatório confirma 59 áreas poluídas

O relatório de balneabilidade desta semana, divulgado ontem pela Fundação do Meio Ambiente (Fatma), aponta para um aumento nos pontos impróprios para o banho no Litoral de Santa Catarina.

Após registrar queda na quantidade de locais poluídos no relatório divulgado dia 18 de fevereiro - de 57 para 51 -, os dados apresentados ontem mostraram que agora subiu de 51 para 59 pontos não aconselháveis para o mergulho

Dez novos locais impróprios para o banho entraram no relatório mais recente da Fatma, cinco deles em Florianópolis - onde existe o maior número de pontos analisados, 62 no total

Duas praias em Penha saíram da lista, mas um novo local na Praia da Armação do Itapocorói foi incluído.

Sem balneabilidade
- Arroio do Silva
Praia do Arroio do Silva, na foz do Arroio do Silva
- Balneário Gaivota
Arroio da Praia das Gaivotas, sob a ponte de concreto na entrada da praia
- Balneário Camboriú
Lagoa de Taquaras
Praia Central, em frente à Rua 3.500 e no Pontal Norte
- Barra Velha
Lagoa da Barra Velha, na Rua Santa Catarina, próximo do nº 336
Frente ao Salva Vidas
- Biguaçu
Praia de São Miguel, em frente ao aqueduto
- Bombinhas
Praia de Bombinhas, em frente à Câmara Municipal
- Florianópolis
Lagoa da Conceição, em frente às Ruas Manuel Isidoro da Silveira e Osni Ortiga, nº 2.267, no Canto da Lagoa, ao lado do posto de saúde e na Av das Rendeiras nº 1480
Praia Brava, Costão sul e no riacho
Praia da Armação do Pântano do Sul, na foz do Rio Sangradouro

Praia da Beira-Mar Norte, em frente ao monumento da PM
Praia do Caiacangaçu, na altura do nº 12.820 da estrada geral
Praia da Daniela, em frente à Rua dos Cactos
Praia da Saudade, no canto esquerdo
Praia da Tapera, meio da praia
Praia das Palmeiras, no meio da praia
Praia de Canasvieiras, em frente à Rua das Flores
Praia de Jurerê, em frente à Rua Luis Rampa
Praia de Ponta das Canas, na estrada geral, nº 5.281 e à direita da Rua Alcina Jannis
Praia de Santo Antônio de Lisboa, em frente à praça
Praia do Balneário, em frente à Rua José Cândido da Silva
Praia do Bom Abrigo, em frente à Rua Teófilo Almeida
Praia de Cacupé, no meio da praia
Praia de Itaguaçu, entre o trevo e a rua Euclides Cunha
Praia do Jardim Atlântico, em frente à Rua Elesbão Pinto da Luz
Praia do José Mendes, no meio
Praia do Matadeiro, em frente à Rua Belmira Isabel Martins
Praia do Meio, no meio da praia
Praia dos Ingleses, à direita do Rio Capivari, em frente ao salva-vidas , à Rua da Igreja e em frente à rua do Siri
- Imbituba
Praia do Rosa, no canto Sul
- Içara
Praia do Rincão, no Arroio
- Itapema
Praia de Itapema, à direita do Rio Bela Cruz e em frente às Ruas 113, 149, 205, 227
- Navegantes
Praia de Navegantes, foz do Rio Gravatá
- Palhoça
Praia da Pinheira, na vila
- Penha
Praia da Armação do Itapocorói, em frente às Ruas Fortaleza, Maria Emília Costa e Antônio Aniceto da Costa
- Porto Belo

Praia de Perequê, em frente às Ruas Almirante Fonseca Neves e Rubens Alves, e próximo da foz do Rio Perequezinho
--

Praia de Porto Belo, em frente às Ruas João Guerreiro e João Climaco
--

- São José

Balneário Guararema, canto esquerdo da praia
--

- São Francisco do Sul

Praia da Enseada, em frente ao posto salva-vidas
--

Praia dos Ingleses, à direita do trapiche

Diário Catarinense, 27 de fevereiro de 2005.